

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

SÂMELA JANNIE RIBEIRO SOARES

**OS LIVROS LITERÁRIOS E A DIVERSIDADE CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS COM
CRIANÇAS**

UBERLÂNDIA-MG

2024

SÂMELA JANNIE RIBEIRO SOARES

**OS LIVROS LITERÁRIOS E A DIVERSIDADE CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS COM
CRIANÇAS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes - ProfArtes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de mestra em artes.

Área de concentração: Abordagem teórico-metodológicas das práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

UBERLÂNDIA-MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S676 2024	<p>Soares, Sâmela Jannie Ribeiro, 1992- Os livros literários e a diversidade cultural na prática docente em artes visuais com crianças [recurso eletrônico] / Sâmela Jannie Ribeiro Soares. - 2024.</p> <p>Orientador: Cairo Mohamad Ibrahim Katrib. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.130 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Artes. I. Katrib, Cairo Mohamad Ibrahim, 1971-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Artes. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 7</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Artes				
Defesa de:	Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES				
Data:	08 de fevereiro de 2024	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	16: 45
Matrícula do Discente:	12212MPA011				
Nome do Discente:	Sâmela Jannie Ribeiro Soares				
Título do Trabalho:	Os livros literários e a diversidade cultural na prática docente em artes visuais com crianças				
Área de concentração:	Ensino de Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM UBERLÂNDIA: Conexões entre a Lei 10.639-03.				

Reuniu-se por teleconferência online a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos, Profa. Me. Marina Vargas Tomaz, e Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/02/2024, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosimeire Gonçalves dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/02/2024, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Vargas Tomaz, Usuário Externo**, em 15/02/2024, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5081707** e o código CRC **D080C444**.

SÂMELA JANNIE RIBEIRO SOARES

OS LIVROS LITERÁRIOS E A DIVERSIDADE CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS COM CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes – ProfArtes, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a qualificação do título de mestra em artes.

Área de concentração: Abordagem teórico-metodológicas das práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

Uberlândia, 8 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib
Orientador

Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos
Membro interno

Profa. Ma. Marina Vargas Tomaz
Membro externo

Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo
Suplente interno

Prof. Dr. Tadeu Pereira dos Santos
Suplente externo

RESUMO

O presente estudo apresentou como tema as práticas pedagógicas em arte que incorporam a literatura como um recurso para abordar a diversidade cultural no Ensino Fundamental I. O objetivo foi demonstrar a importância do livro literário como ferramenta pedagógica para o professor de artes, tanto pela utilização da linguagem escrita quanto pelas imagens, tendo como recorte práticas e experiências vivenciadas com turmas do Ensino Fundamental I da rede municipal de Uberlândia entre os anos de 2019 e 2022. A metodologia adotada se fundamentou na análise temática por meio de pesquisa bibliográfica, bem como na elaboração de um relato de experiência das práticas pedagógicas da pesquisadora como arte-educadora. A pesquisa se debruçou sobre as interfaces entre arte, literatura e diversidade cultural, examinando como o livro literário pode ser empregado como uma ferramenta valiosa para enriquecer o ensino de arte e fomentar uma abordagem inclusiva e plural da diversidade cultural. Os resultados obtidos evidenciaram que o livro literário constitui um recurso pedagógico eficaz, capaz de despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes, além de proporcionar um aprendizado em arte mais contextualizado. A conexão entre arte e literatura possibilitou uma abordagem rica e envolvente da diversidade cultural, contribuindo para uma compreensão mais profunda e empática do mundo e promovendo o respeito e a valorização das diferenças culturais. Além disso, o trabalho resultou na criação de um guia literário de diversidade cultural e de um acervo *online* com títulos de literaturas, resenhas e outras informações que visam enriquecer o trabalho pedagógico no âmbito da diversidade cultural. Concluiu-se que as experiências abordadas no estudo exemplificam formas efetivas de trabalhar a diversidade cultural em sala de aula, valorizando as vivências dos estudantes e utilizando o livro literário como um aliado fundamental das práticas pedagógicas em arte. O arte-educador tem à sua disposição um leque diversificado de recursos que, se bem empregados, podem contribuir significativamente para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos e respeitosos com relação à pluralidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas em arte. Diversidade cultural. Literatura. Ensino Fundamental I. Arte-educador.

ABSTRACT

The present study addressed the theme of pedagogical practices in art that incorporate literature as a resource for addressing cultural diversity in elementary school I. The objective was to demonstrate the importance of the literary book as a pedagogical tool for the art teacher, both by using written language and images, with a focus on practices and experiences lived with elementary school I classes in the municipal network of Uberlândia between 2019 and 2022. The methodology adopted was based on thematic analysis through bibliographic research, as well as the preparation of a report of the researcher's pedagogical practices as an art educator. The research focused on the interfaces between art, literature and cultural diversity, examining how the literary book can be used as a valuable tool to enrich art education and promote an inclusive and plural approach to cultural diversity. The results showed that the literary book constitutes an effective pedagogical resource, capable of awakening the interest and curiosity of students, as well as providing a more diverse and contextualized learning in art. The connection between art and literature allowed a rich and engaging approach to cultural diversity, contributing to a deeper and more empathetic understanding of the world and promoting respect and appreciation for cultural differences. In addition, the work resulted in the creation of a literary guide to cultural diversity and an online collection with titles of literature, reviews, and other information that aim to enrich pedagogical work in the field of cultural diversity. It was concluded that the experiences addressed in the study exemplify effective ways of working with cultural diversity in the classroom, valuing the experiences of students and using the literary book as a fundamental ally of pedagogical practices in art. The art educator has at his disposal a diverse range of resources that, if well used, can significantly contribute to the formation of individuals who are more aware, critical, and respectful of the cultural plurality that characterizes Brazilian society.

Keywords: Pedagogical practices in art. Cultural diversity. Literature. Elementary school I. Art educator.

LISTA DE FIGURAS E QUADRO

Figura 1 -	Capa do livro As babuchas de Abu – Kassem “uma história das Arábias” (Editora Elementar)	37
Figura 2 -	Capa do livro Sulwe (Editora Rocco)	39
Figura 3 -	Capa do livro Abaré (Editora Paulus)	41
Figura 4 -	Representação dos pássaros - Cenas do livro Abaré	42
Figura 5 -	Representação de um papagaio por meio de desenho, lápis de cor e dobradura – Aluno Jean Domingos Santos – 2º ano (2022 E.M.J.M.F)	42
Figura 6 -	Mapa mental da narrativa “Abaré”, do aluno Gustavo A. J. Ferreira do 2º ano E.M.J.M. F	43
Figura 7 -	Capa do livro Omo - O rio da liberdade (Editora PAE)	44
Figura 8 -	Práticas criativas com tinta de terra (3º ano/ E.M.J.M.F)	44
Figura 9 -	Capa do livro O pote vazio (Editora Martins Fontes)	46
Figura 10 -	Blog da autora	48
Figura 11 -	Obra literária Outros povos... outros mundos	49
Figura 12 -	Obra literária Mundos Africanos	50
Quadro 1 -	Ficha catalográfica das obras pertencentes ao projeto	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Covid-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
E.M.J.M. F	Escola Municipal José Marra da Fonseca
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MG	Minas Gerais
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
1.1 Percurso teórico reflexivo	12
1.2 Caminhos metodológicos da pesquisa	28
2 DE LEITORA À INCENTIVADORA DA LEITURA: PERCURSOS DA INFÂNCIA À DOCÊNCIA	32
2.1 Fazeres pedagógicos: algumas possibilidades de uso dos livros literários nas aulas de artes visuais	36
3 PRODUTOS DO MESTRADO PROFISSIONAL	48
4 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE – MATERIAL DIDÁTICO	57

1 APRESENTAÇÃO

Nossa pesquisa propôs a realização de um estudo sobre as práticas pedagógicas em arte. Nela expusemos algumas inquietações que vêm norteando o meu trabalho como docente regente da disciplina Arte em salas da Educação Básica do município de Uberlândia, Minas Gerais. Experiências estas em que incorporo a literatura como um recurso pedagógico para abordagem da temática da diversidade cultural.

Ao propormos tal estudo, o objetivo foi o de demonstrar como o livro literário é ferramenta pedagógica essencial para o professor de artes, na construção, efetivação e ressignificação da linguagem escrita para os estudantes, que por meio das imagens contidas nos livros, conectadas à compreensão da escrita e da leitura, desnudam como as realidades cotidianas são percebidas e outras formas de entendimento da realidade social e cultural são produzidas pelos alunos.

Optamos pelo recorte temporal entre os anos de 2019 e 2022, uma vez que foi nesse espaço cronológico que desenvolvi, mais de perto, atividades de leitura, interpretação e ressignificação de temas voltados para a diversidade cultural. Vale destacarmos, que arte e literatura proporcionaram a abordagem do tema proposto, impulsionando nos estudantes o entendimento da valorização das diferenças culturais.

Construir um trabalho acadêmico em que associamos nossas experiências docentes e a ressignificação das vivências dos estudantes nos permitiu recriar sentidos e significados para o ensino da Arte na Educação Básica, em especial incentivando a importância da leitura e da escrita na construção de aprendizagens significativas, num momento em que grande parte dos estudantes estabelecem uma relação solitária com as tecnologias, cujo distanciamento das obras literárias tem gerado preocupação entre os educadores e pesquisadores.

O labor da sala de aula não só proporcionou reelaborar-me como educadora em Artes como também repensar esse espaço de trabalho, bem como a prática docente e as diferentes formas de ensinar-aprender. São muitas as inquietações que rondam o fazer docente. Refletindo sobre maneiras de tornar o conteúdo mais relevante para os estudantes, atribuindo-lhe significado e valor capazes de transformar indivíduos e realidades, considera-se a importância de uma nova perspectiva sobre o papel da disciplina de Artes. A questão central é como essa disciplina pode enriquecer significativamente o desenvolvimento intelectual e pessoal dos participantes. Além disso, busca-se destacar e valorizar as Artes como um componente essencial do currículo escolar, reforçando sua contribuição única para o conjunto de saberes na educação. Também, vejo que esses desassossegos não frutificaram no agora, mas nasceram junto com os meus primeiros contatos com o espaço escolar.

Lembro-me bem quando adentrei a primeira biblioteca com aquelas prateleiras repletas de livros que me chamavam a desvendá-los, o que demorou um pouco, mas mesmo assim, quando pude acessar as palavras das obras lidas, um turbilhão de emoções borbulhou e diversos enredos, narrativas e outras histórias foram tecendo a minha infância, juventude, tornando-me uma leitora assídua na fase adulta, o que fez com que eu introduzisse nas minhas turmas de Artes a prática da leitura.

Ler um livro não é só decifrar os símbolos e compreender a combinação de palavras em frases e histórias, é instigar o entendimento das entrelinhas do texto e do contexto, pois a leitura é viva e dinâmica, pois a palavra escrita, ao ganhar

contornos de palavra falada, renasce envolta de muitos caminhos interpretativos.

Trabalhar a diversidade cultural no contexto escolar tem nos permitido mobilizar ações educativas mais efetivas em sala de aula, valorizando as vivências dos estudantes, incentivando o acesso ao livro literário, transformando-o em um aliado fundamental para o êxito das práticas pedagógicas inclusivas em sala de aula.

Partilhar foi o verbo que mais ecoou entre as minhas inquietações durante o estudo realizado. Pude perceber que o ensino de Artes deve ser efetivado levando em consideração as vivências dos estudantes, o acesso à informação e, no contexto dialógico do ensinar-aprender, não podemos desconsiderar o cenário social do qual os estudantes fazem parte. Por isso, para além de um estudo acadêmico pautado nas minhas experiências educativas, essa dissertação se propôs a também produzir um blog com sugestões de leituras e possíveis temas a serem trabalhados em sala pelo olhar a diversidade cultural, o que aqui é o produto que acompanha a reflexão teórico metodológica e que culmina no campo de possibilidades de diálogo entre o ensino de arte e a literatura, minhas paixões.

Viver tudo isso fez com que hoje eu pudesse galgar mais uma etapa da minha formação profissional, apresentando um estudo que mescla teorias, vivências, experiências e partilhas, fruto do meu protagonismo como leitora atenta, pesquisadora e sujeito da minha própria história. História essa refeita pelos fios do constante inacabamento...

1.1 Percurso teórico reflexivo

A valorização da diversidade cultural, em especial no ensino de arte, ganhou mais evidência a partir da década de 1990, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1998). Esse documento surge logo após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional - LDB (Brasil, 1996) como uma forma de auxiliar no cumprimento das mudanças pedagógicas propostas com esse novo arcabouço legal, uma vez que o currículo deixava de ser centrado na figura do professor e passava a ser um elemento articulador do processo de ensinar e aprender, envolvendo professores, estudantes e suas realidades socioculturais, ou seja, foi ponto de partida para o trabalho docente, pois conduziu as atividades em sala de aula, valorizando as individualidades e os pertencimentos como caminho da concretização de aprendizagens significativas.

Os PCNs trouxeram para o contexto escolar possibilidades de autonomia pedagógica, sendo que estes possibilitaram aos educadores repensarem sua prática e também elaborarem novas propostas educativas que, justamente, direcionassem olhares para a realidade da comunidade atendida. Os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), *lôcus* das propostas pedagógicas das escolas, puderam ressignificar conteúdos e abordagens, conectando-se à realidade social da localidade onde a escola também se inseria. Vale salientar, que os PCNs foram documentos orientadores das ações no cotidiano escolar utilizados durante bom período dos anos 2000, e que algumas propostas educativas ainda seguem os princípios balizadores desse documento, mesmo que, atualmente, tenhamos a orientação pelo viés da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Quando analisamos o ensino de Arte, é possível afirmar que, embora tenha ocorrido um avanço significativo, principalmente a partir de 1997, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda há um caminho a

ser percorrido para se alcançar uma valorização da diversidade, promovendo a integração dos estudantes com as concepções de arte e cultura. Isso se dá por meio de estratégias educativas que atuem como descobertas para uma melhor compreensão da realidade vivenciada pelos alunos, enriquecendo assim o processo de ensino-aprendizagem. Dentre essas estratégias, citamos:

- Projetos Interdisciplinares: Favorecem a compreensão contextualizada da arte em diferentes campos do saber (Dewey, 1934).
- Metodologias Ativas: Encorajam a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento (Freire, 1996).
- Uso de Tecnologias Digitais: Integram ferramentas digitais para explorar novas formas de expressão artística (Papert, 1993).
- Estudos Culturais Locais e Globais: Promovem o entendimento de diversas expressões culturais e artísticas (Hall, 1997).
- Visitas Culturais e Parcerias com Artistas Locais: Envolvem os alunos em experiências culturais práticas (Fowler, 1996).

Podemos afirmar, com base em Ferraz e Fusari (1999) que movimentos anteriores já tentaram realizar mudanças mais balizadoras ao ensino de Arte, trazendo propostas de novas formas de ensinar seus conteúdos na sala de aula. Ferraz e Fusari (1999) destacam que entre as décadas de 1950 e 1960 houve, de fato, algumas mudanças de concepção didática que impactaram no ensino da arte, incentivando a criatividade e a interatividade do estudante em relação ao que se trabalhava na disciplina.

Um aspecto crucial dessas mudanças foi a rejeição da ideia de arte como uma habilidade exclusivamente técnica, que deveria ser ensinada por meio de métodos rigorosos de reprodução e imitação. Em contrapartida, passou-se a enfatizar a arte como um meio de expressão pessoal e um instrumento de desenvolvimento cognitivo e emocional, paradigma influenciado por teorias progressistas da educação, como as propostas por Dewey (1934), o qual defendia que a educação em arte deveria ser centrada na experiência do aluno, promovendo a criatividade e a reflexão crítica.

Além disso, o período testemunhou o surgimento de movimentos que questionavam os limites tradicionais da arte, como por exemplo a Arte Moderna e a *Pop Art* que desafiaram as noções convencionais de beleza e função na arte, introduzindo novos materiais, técnicas e temáticas. Salienta-se que esse contexto artístico diversificado ofereceu um terreno fértil para a experimentação no ensino de arte, incentivando os educadores a incorporarem uma variedade de estilos e técnicas em suas práticas pedagógicas.

Ademais, as mudanças no ensino de arte nas décadas de 1950 e 1960 refletiram uma maior preocupação em formar indivíduos capazes de pensar de maneira crítica e criativa, pois em vez de ensinar técnicas meramente artísticas, o foco passou a ser o desenvolvimento de um pensamento artístico integrado, que englobava a compreensão de contextos históricos, culturais e sociais, desse modo o ensino de arte assumiu uma nova dimensão, alinhando-se mais estreitamente com os objetivos gerais da educação integral.

No Brasil, a compreensão da maneira pela qual a concepção de educação integral se desenvolve passa

obrigatoriamente pelo estudo do pensamento educacional das décadas de 20 e 30 do século XX. A educação integral, significando uma educação escolar ampliada em suas tarefas sociais e culturais, esteve presente nas propostas das diferentes correntes políticas que se delinearão naquele período. (Cavaliere, 2010, p. 249).

A educação integral visa preparar os alunos para os desafios da vida, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. No ensino de arte, isso significa desenvolver habilidades como comunicação, trabalho em equipe, resolução de problemas e adaptabilidade, que serão essenciais para o futuro dos alunos.

Entendemos que os PCNs contribuíram para valorização da diversidade cultural e social do estudante, incentivando o professor a respeitar e compreender suas individualidades e potencialidades, tendo-as como caminhos de interlocução com o sentido e o papel dado à disciplina de Artes na educação escolar. Ensinar Artes na escola deixou de ser uma aprendizagem mecânica, pautada nas artes universais (Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Literatura, Dança, Cinema).

Essa classificação das artes universais foi solidificada pelo "Manifesto das Sete Artes" de Ricciotto Canudo, em 1923, marcando um ponto de consenso no meio artístico sobre as formas de arte fundamentais. Apesar de algumas formas de expressão como Teatro, Coreografia, Ilusionismo, Fotografia, Histórias em Quadrinhos e Arte Digital não estarem incluídas, a defesa dessa seleção clássica sugere que tais artes derivam da combinação de outras já listadas. A relevância dessas artes abrange a cultura, o lazer e a estética na vida moderna, sendo essenciais para a identidade cultural e o entendimento de um país e suas tradições através de suas manifestações culturais (Abra, 2024).

De acordo com esse conhecimento, o ensino da disciplina no contexto educacional passa a ser um espaço de diálogo, compreensão e recriação dos significados da bagagem cultural dos educandos e estes compreenderem que tais valores compõem a sua identidade e o seu pertencimento cultural, sejam individuais ou coletivamente construídos.

Na perspectiva dos PCNs¹, é necessário validar a proposição de momentos que priorizem atitudes de solidariedade entre as pessoas, colaboração em meio às diferenças e repúdio às injustiças sociais, como por exemplo, aquelas relacionadas à língua, cor de pele, costumes, etc. O estímulo ao sentimento de respeito ao próximo e a si mesmo, bem como uma contribuição para o desenvolvimento de noções relacionadas à identidade nacional e pessoal, são essenciais para consolidar o sentimento de pertencimento ao país nos jovens estudantes.

A riqueza e amplitude de possibilidades que o tema da diversidade cultural oferece propiciam a realização de trabalhos diferenciados e inovadores no âmbito da arte. A diversidade cultural, nesse sentido, ao ser integrada ao campo da arte, transcende o papel de mera fonte de inspiração, transformando-se em um catalisador vital para a inovação e a criatividade, alinhando-se a uma rica tapeçaria de influências culturais diversificadas oferecendo um panorama de possibilidades que desafiam os artistas e educadores a repensar e reinventar suas práticas, posto que a abordagem de diferentes culturas na arte não apenas enriquece o processo criativo, mas também expande o horizonte de percepção e compreensão dos envolvidos.

Conforme argumentado por autores como Banks (2004) no contexto da educação multicultural, a incorporação da

¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) encontram-se entre os documentos oficiais elaborados pós-LDB pelo Ministério da Educação (Oliveira 1998), e é uma referência nacional para o Ensino Fundamental; estabelecendo uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação. Consultar: RIBEIRO, Hugo. **Arte e Música Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997, p. 1. Disponível em: <https://tinyurl.com/p6kpu27b>. Acesso em: 16 jun. 2023.

diversidade cultural na arte educa não apenas sobre a expressão artística em si, mas também sobre o valor intrínseco das diversas perspectivas e experiências humanas, numa abordagem que facilita um diálogo mais profundo e empático entre as culturas, promovendo o respeito e o entendimento mútuo. Enfatiza-se que em um mundo cada vez mais interconectado, entender e apreciar a diversidade cultural torna-se uma competência essencial, e a arte oferece um meio acessível e envolvente para alcançar esse objetivo.

Além disso, a arte influenciada pela diversidade cultural atua como um espelho da sociedade, refletindo e questionando as normas culturais, os estereótipos e as dinâmicas de poder, visto que ela tem o potencial não só de celebrar a riqueza das diversas culturas, mas também de desafiar as visões de mundo estabelecidas, incentivando uma reflexão crítica sobre questões sociais e culturais. Por assim ser, ao abraçar a diversidade cultural, a arte se torna um veículo para a inovação contínua, o enriquecimento educacional e o diálogo intercultural. Ela oferece um caminho para explorar novas perspectivas, experimentar novas formas de expressão e, sobretudo, para entender melhor a complexidade e a beleza do mosaico cultural humano.

E mais ainda, ao considerar esses aspectos, é possível desenvolver práticas pedagógicas que valorizem as diferentes culturas e promovam um ambiente educacional mais inclusivo e representativo da diversidade presente na sociedade brasileira. Considerando que “por meio de uma linguagem acessível, com valores diversos, e do recurso da fantasia, a literatura infantil permite à criança raciocinar diante de situações da realidade complexa, tomar posição, fazer escolhas etc., além de se informar sobre o mundo e as coisas (Penteado, 2001, p. 91).

No ensino de artes visuais, o objeto de estudo são as imagens, e através delas e suas múltiplas significações, podemos mediar conhecimentos e descobertas. A imagem não precisa necessariamente ser uma obra de arte, ou uma produção de artista para que seja utilizada na sala de aula. Afinal, a produção cultural das sociedades se caracteriza como parte dessas mesmas sociedades. Por exemplo, quando temos uma fotografia do modo de vida ou da produção artística dos povos indígenas brasileiros, seus utensílios, suas vivências, já se tem uma fonte, um objeto para promover a busca de descobertas em relação à arte desses povos.

Da mesma forma, quando um docente em arte faz uso de um livro literário² em suas aulas, ele possui uma ferramenta rica culturalmente, tanto no sentido das imagens quanto em relação aos contos, pois esses dois fatores, juntos, potencializam o conhecer e o desvendar de uma cultura de formas distintas e conexas, ou seja, a criança faz uso tanto da história quanto das ilustrações para descobrir uma cultura, muitas vezes desconhecida ou distante.

A diversidade cultural também pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando as aulas de Artes Visuais mais dinâmicas, participativas e contextualizadas. Ao abordar temas relacionados às diferentes culturas, os professores podem estimular a reflexão crítica, o diálogo intercultural e a construção do conhecimento de forma mais significativa. Os estudantes podem ser incentivados a questionar estereótipos, preconceitos e discriminações presentes na arte e na cultura, promovendo uma compreensão mais crítica e contextualizada da diversidade cultural.

² Para saber mais sobre o conceito de livro literário ver: MARQUES, Daniele. **Conceito de obra literária**: o que é e qual o significado, Educa Mais Brasil, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/mpnw2wva>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Reforçamos o fato de que a abordagem da diversidade cultural nas aulas de Artes Visuais deve ser feita de forma ética, sensível e respeitosa, levando em consideração as particularidades culturais, históricas e sociais de cada grupo étnico. Os professores devem estar atentos aos princípios éticos e legais que regem a educação e o respeito à diversidade, bem como promover práticas pedagógicas que valorizem a participação ativa e o protagonismo dos estudantes, pois:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (Lajolo, 2001, p. 85).

De acordo com esse entendimento, a literatura é uma importante aliada na concretização de aprendizagens significativas, pois ela provoca o exercício da oralidade, da escrita, além de promover uma intensa atividade mental, capaz de movimentar a imaginação, a criatividade e a curiosidade nos estudantes, dentre tantos outros aspectos. A criança, quando ouve de forma ativa e interativa uma história, ela se projeta para diversos cenários, podendo ser a narradora, o personagem principal, o protagonista ou a antagonista. Isso mexe com suas habilidades criativas e a faz reagir e interagir com diferentes contextos capazes de contribuir para seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural, o que promove o ensinar-aprender coletivo e interativo.

Partimos então, desta reflexão, da perspectiva de que diversidade cultural é um conceito complexo, porém fundamental para se efetivar práticas pedagógicas que se aproximem das vivências dos estudantes. É, ainda, um significativo campo de possibilidades de provocar ações e reações desse processo pedagógico, emergindo iniciativas voltadas para a efetivação de conexões entre o ensinar, o aprender e o ressignificar valores, entendimentos, posturas e olhares acerca da diversidade cultural. Assim, entendemos que:

O conceito de diversidade cultural nos permite perceber que as identidades culturais brasileiras não são um conjunto monolítico e único. Ao contrário, podemos e devemos reconhecer e valorizar as nossas diferenças culturais, como fator para a coexistência harmoniosa das várias formas possíveis de brasilidade. Como o respeito a eventuais diferenças entre os indivíduos e grupos humanos é condição da cidadania, devemos tratar com carinho e eficácia da promoção da convivência harmoniosa, dos diálogos e dos intercâmbios entre os brasileiros – expressos através das diversas linguagens e expressões culturais, para a superação da violência e da intolerância entre indivíduos e grupos sociais em nosso país. (Mamberti, 2003, p. 14).

À guisa de entendimento do papel da diversidade cultural, consideramos, assim como Freire (2020), que a criança ao chegar à escola traz consigo um repertório cultural que não pode ser simplesmente ignorado. O empenho, nesse sentido, deve ser por um ambiente de acolhida, em que docente e estudante aprendam juntos por meio de uma relação afetiva, democrática e expressiva. Esse lugar é a escola, posto que, “A escola é espaço de pensar, de estudar, de conhecer, de vivenciar, de sentir; enfim, viver com plenitude os processos de formação planejados e sistematizados que envolvem a cultura e a arte. Um território fértil para a mediação” (Soares, 2017, p. 140).

Desse modo, a diversidade cultural aparece como conceito condutor de vários documentos que embasam as práticas educativas na atualidade, sejam no âmbito federal, estadual ou municipal. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ou na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a valorização do diverso, do plural e do múltiplo são recorrentes fios

condutores interpretativos de inúmeros conteúdos, temas e processos formativos.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), as mudanças importantes no processo de desenvolvimento da criança e que repercutem em sua relação consigo mesma, com o outro e com o mundo são relidas à luz da sua inserção sociocultural no meio em se vive. O Currículo Referência de Minas Gerais (Minas Gerais, 2018), que direciona mais especificamente as práticas do professor, e que reforça os princípios da BNCC e, numa perspectiva mais específica, as Diretrizes Curriculares Municipais (DCMs), reafirmam a importância de se trabalhar esse tema, de modo a contribuir com a formação de cidadãos críticos, justos e conscientes da sociedade na qual estão inseridos (da diversidade que encontramos em nosso meio).

Compreendendo assim que a diversidade cultural envolve valores, pertencimentos e que modifica positivamente as identidades herdadas, nossa imersão não se dá, apenas, por meio de um mergulho no oceano de sentidos que o conceito abarca, mas tentando compreender como ele nos auxilia na construção positiva do entendimento das diferenças culturais e raciais em sala de aula, na disciplina de Artes, tendo como possibilitador dessa compreensão da dinâmica cultural que nos envolve, as obras literárias.

Nesse sentido, vale salientar que o arcabouço legal, acerca da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana, afrodescendente e indígena, abre um leque de possibilidades para inserirmos, no trabalho com a temática cultural e racial, a identidade de povos como os árabes, os asiáticos, dentre outros, justamente pelo viés da valorização dessas pertencências, uma vez que elas também contribuíram em diferentes contextos com a nossa cultura, fazendo dela circular, dinâmica e interativa.

O nosso primeiro aliado são as legislações, como a Lei Nº. 10.639/2003 (Brasil, 2003), que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e que tem como objetivo proporcionar ao estudante a capacidade de conhecer, compreender e reconhecer as diferentes manifestações de arte e cultura dos povos indígenas brasileiros e dos povos africanos, que apesar de serem parte fundamental da identidade nacional brasileira, com contribuições que permeiam a arte e a cultura do silenciamento, com a invisibilidade, com a discriminação e com preconceito pela sociedade de modo geral, é aqui relida sob a ótica do caminho implementador de mudanças de olhares e perspectivas educativas no cenário escolar.

Entendemos que nos espaços das escolas, nas salas de aulas, a questão racial ainda é tratada com desconforto ou configurada como mero complemento a outras temáticas trabalhadas, evidenciando o que destacamos acima, que é a invisibilidade da importância ou relevância da temática na construção de aprendizagens significativas. No contexto das diferenças, compreendemos ser primordial referendar o papel e as abordagens étnico-raciais e culturais no contexto escolar, porém é possível agregarmos outras culturas e práticas de outros povos, como os chineses, italianos e árabes, que contribuíram e contribuem para a diversidade cultural do Brasil.

No âmbito escolar, o Projeto Político Pedagógico (PPP) é um forte aliado, visto que por meio da abordagem da diversidade, ele auxilia na valorização de propostas que deem a devida atenção aos saberes, fazeres e práticas culturais, dando visibilidade positiva à história e às características dos diferentes povos de modo comprometido com a transformação do ser humano e com suas potencialidades efetivas, conforme pontua Trindade (2005).

O PPP é concebido, conforme Paro (2001), não apenas como um documento ou um plano, mas como um manifesto das intenções educacionais e culturais de uma escola, refletindo sua identidade e visão, cuja concepção adotada neste estudo baseia-se na perspectiva de que ele deve ser um instrumento vivo e dinâmico, capaz de articular as experiências cotidianas dos estudantes com os objetivos educacionais, promovendo um ensino que reconhece e valoriza a diversidade.

O papel do PPP, conforme discutido por autores como Veiga (1995) e Gandin (1999), é central na valorização das experiências cotidianas dos estudantes, pois orienta a escola a integrar o contexto sociocultural dos alunos ao currículo, tornando a aprendizagem mais relevante e significativa, numa abordagem que ajuda a conectar o conteúdo escolar à vida real dos estudantes, incentivando um maior engajamento e capacitação para uma reflexão crítica sobre suas próprias realidades.

Ademais, o PPP desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos alunos ao promover não apenas o crescimento acadêmico, mas também o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e culturais. Nesse sentido, Libâneo (2004) ressalta a importância de um PPP que transcenda a mera transmissão de conhecimentos, envolvendo os alunos em um processo educativo que estimule o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de agir de maneira ética e responsável na sociedade, promovendo a identidade social dos atores envolvidos nesse processo.

Assim, a relação entre o PPP e a formação da identidade dos estudantes é complexa e diversificada. Hall (2006) argumenta que a identidade é um processo contínuo de transformação, influenciado por múltiplos fatores culturais e sociais. Nesse contexto, o documento pode ser uma ferramenta efetiva para ajudar os estudantes a explorarem e compreenderem suas múltiplas identidades e ao incorporar diversas perspectivas e experiências no currículo e nas práticas pedagógicas, o PPP permite que os alunos vejam a si mesmos e ao mundo sob diferentes ângulos, enriquecendo sua compreensão e experiência educativa.

Dessa forma, podemos considerar que as identidades dos diversos sujeitos sociais são reflexos das suas experiências coletivas e individuais, ou seja:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p. 13).

Segundo essa perspectiva, as identidades que assumimos são variáveis e contextuais, mudando de acordo com as diferentes situações e experiências que vivenciamos, argumento do autor supracitado dizendo que dentro de cada indivíduo existem identidades contraditórias que os puxam em diversas direções, desafiando a noção de um "eu" estável e coerente, ideia que ressalta a complexidade do ser humano, que não pode ser plenamente compreendido por meio de uma única lente identitária (Hall, 2006).

Conforme os sistemas de significação e representação cultural se expandem e evoluem, somos expostos a um leque cada vez maior de identidades possíveis, permitindo-nos adotar diferentes "eus" em diferentes momentos, numa perspectiva

que reconhece a identidade como uma construção dinâmica, em constante processo de negociação e redefinição, moldada tanto por fatores internos quanto externos.

Outro aspecto a ser considerado, é a compreensão do conceito de diversidade, que está conectado ao entendimento das identidades culturais dos indivíduos e de sua interlocução com o social, com o cultural, e com o contato com outras realidades. Por isso que compreender esse contexto identitário se torna importante, uma vez que na escola diferentes sujeitos, culturas e visões de mundo se inserem num mesmo espaço e precisam ser respeitadas.

Nesse ínterim, para abordar de maneira mais abrangente e conectada o conceito de diversidade, é fundamental reconhecer a multiplicidade de identidades culturais que compõem o tecido social, incluindo a riqueza e os valores afro-brasileiros, como destacado por Azoilda Loretto da Trindade, que ressalta a importância desses elementos na construção de identidades, visto que a diversidade não se limita apenas à coexistência de diferentes culturas, mas envolve também a interação e o diálogo entre elas e em se tratando do contexto escolar, essa compreensão se torna ainda mais relevante, pois a escola é um espaço onde diferentes identidades, culturas e visões de mundo se encontram e interagem.

Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, incluindo os valores e práticas afro-brasileiros, significa ir além do simples reconhecimento de diferenças, implica em compreender como essas identidades e culturas se entrelaçam e influenciam a experiência social e educacional dos indivíduos, o que é crucial em ambientes educativos, onde a valorização da diversidade pode promover um ambiente de respeito mútuo, aprendizado enriquecido e maior consciência social. Ao integrar efetivamente as variadas perspectivas culturais e identitárias no currículo e nas práticas pedagógicas, os educadores podem ajudar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor, fortalecendo a formação de cidadãos mais conscientes e empáticos.

Na lógica de valorização das experiências dos estudantes e na construção de uma educação que priorize o entendimento das questões raciais, a abordagem de Trindade (2005) se torna crucial, posto que apresenta possibilidades de diálogos significativos, especialmente ao destacar a importância de compreender e integrar os valores afro-brasileiros no contexto escolar, numa perspectiva que enfatiza não apenas a inclusão, mas também a celebração da diversidade cultural e racial como elementos fundamentais para a formação de um ambiente educacional enriquecedor e inclusivo.

Os valores afro-brasileiros, dentro desse contexto, englobam uma ampla gama de práticas, histórias e saberes e incluem a valorização da ancestralidade, a riqueza das expressões artísticas e culturais como a música, a dança, a literatura e as práticas religiosas, além da importância do respeito e da resiliência diante das adversidades históricas, valores que fornecem uma visão pluralista e profundamente enriquecedora para o currículo escolar, oferecendo aos estudantes a oportunidade de entender e apreciar a complexidade e a beleza da herança cultural afro-brasileira.

Ao integrar esses elementos no currículo e nas práticas pedagógicas, os educadores podem promover uma compreensão mais profunda e um respeito maior pela diversidade cultural e racial, o que é essencial para a formação de alunos que não apenas reconhecem a pluralidade do mundo em que vivem, mas também valorizam e celebram essa diversidade. A abordagem de Trindade (2005) sugere que ao trazer para a sala de aula uma reflexão sobre os valores afro-brasileiros, estamos

abrindo caminho para uma educação mais integral, justa e representativa, que prepara os alunos para interagirem de forma respeitosa e informada em uma sociedade cada vez mais diversa.

Conforme destaca Silva (2021), os valores civilizatórios afro-brasileiros se fundamentam em onze princípios que impactam positiva e diretamente a nossa relação interior (subjéctiva), e exterior (com a colectiva), e que seguem interconectados e em fluxo constante uns com os outros. De tal forma, podemos começar citando a ENERGIA VITAL, que se refere à potência de vida presente nos seres vivos; a CIRCULARIDADE, tendo em vista que a roda (tradição das mais antigas) nos proporciona a aproximação mais aféctiva com o outro; a CORPOREIDADE, que denota a compreensão da energia vital, que se materializa por meio dos corpos; a MEMÓRIA e a ANCESTRALIDADE, que denotam a compreensão de que estamos em constante devir, e de que devemos respeito a quem veio antes de nós.

Em sequência, a RELIGIOSIDADE, que envolve o entendimento de que nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade potente e pujante que atua transformando e modificando existências; a COOPERAÇÃO, que evoca uma sociedade igualitária com todos os sujeitos; a ORALIDADE, que se manifesta por meio da fala, sendo esta, carregada de sentido e de marcas da nossa própria existência; a MUSICALIDADE, que é um aspecto emocional e também o instrumento que temos para transformar sinais sonoros em emoção, e vice-versa; a LUDICIDADE, que permeia a alegria, o riso, a diversão e celebração da vida, e por fim, a AFETIVIDADE, que perpassa todos os outros valores de modo a nos fazer pensar e compreender a existência do outro, de modo que possamos nos unir e lutar por uma sociedade que abrace as diferenças e permita a valorização de subjetividades.

Para esclarecer e fundamentar adequadamente a ideia de que a incorporação dos valores civilizatórios afro-brasileiros no processo educativo, especialmente na arte-educação, é crucial para desafiar a hegemonia dos valores eurocêntricos, ou seja, é necessário recorrer a conceitos teóricos sólidos, numa abordagem que está alinhada com o pensamento de autores como Hall (1997), que enfatiza a importância do multiculturalismo na educação, e Barbosa (2002), que defende a inclusão de diversas culturas no ensino de arte.

Hall (1997) argumenta que a identidade cultural é formada e transformada continuamente no contexto de relações de poder, portanto é essencial reconhecer que as culturas e identidades não são estáticas, mas sim dinâmicas e formadas por uma variedade de influências, incluindo aquelas que são marginalizadas ou sub-representadas no discurso dominante, o que é particularmente relevante na educação, em que a inclusão de uma diversidade de perspectivas culturais pode desafiar e expandir os paradigmas predominantes.

Barbosa (2002), por sua vez, defende a ideia de que a arte-educação deve ir além da mera reprodução de estéticas e técnicas europeias, sugerindo que o ensino de arte deve ser um espaço de diálogo intercultural, no qual diferentes tradições artísticas e culturais são exploradas e valorizadas, o que permite que os alunos não só aprendam sobre arte, mas também sobre a diversidade da experiência humana, promovendo uma compreensão mais rica e complexa do mundo.

Ao integrar os valores civilizatórios afro-brasileiros no ensino de arte, rompemos com o monopólio dos valores eurocêntricos, promovendo uma visão mais inclusiva e representativa da arte e da cultura, porque não apenas enriquece o processo educativo, mas também valida e celebra as experiências e histórias dos estudantes de diferentes origens culturais.

Assim, ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural na educação, podemos fomentar um ambiente de aprendizado mais equitativo, justo e enriquecedor para todos os alunos.

Nesse sentido, percebemos que cada indivíduo traz, imbuído em si, seus próprios valores culturais agregados em sua maneira de ser, de viver e de estar em sociedade. E, assim, podemos promover uma relação harmônica no processo de ensino-aprendizagem, visto que todas as culturas passam a ser valorizadas em suas especificidades. Dessa forma, trabalhar as diversas culturas no contexto escolar permite-nos reelaborar os olhares para o pedagógico e para as diversas formas de apagamentos raciais, étnicos e culturais que fazem parte da identidade dos estudantes e, muitas vezes, sequer que sejam valorizados pela escola.

Assim, as obras literárias infantis e infantojuvenis apresentam-se como importantes ferramentas para desconstruir uma visão histórica eurocêntrica, muitas vezes imposta. Zilberman (2003) em seu trabalho sobre a literatura infantil argumenta que os livros são ferramentas significativas no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, pois oferecem não apenas histórias e personagens com os quais os jovens leitores podem se identificar, mas também apresentam novas ideias, culturas e experiências que podem ser diferentes das suas próprias. Ao serem expostas a uma variedade de perspectivas culturais e históricas, por meio da literatura, as crianças começam a questionar e a refletir sobre o mundo ao seu redor, incluindo as narrativas históricas dominantes que frequentemente centram a experiência europeia.

Coelho (2000), por sua vez, discute a importância da literatura infantojuvenil como uma ferramenta para a educação multicultural, sendo que os livros destinados a jovens leitores devem ir além do entretenimento, servindo como meios de educação e conscientização sobre a diversidade cultural. A literatura que abrange uma gama de experiências e identidades culturais contribui para a formação de jovens leitores mais conscientes, críticos e empáticos.

A escolha cuidadosa dos livros, das histórias e das abordagens criativas na produção artística permite que se mergulhe nas representações culturais e estéticas de diferentes povos. Narrativas e ilustrações atuam como recursos valiosos que possibilitam aos estudantes um contato direto, rico e significativo com diversas culturas, contribuindo para um processo educativo mais inclusivo, plural e representativo da diversidade cultural que compõe o tecido social.

A inclusão cuidadosa de livros e histórias que representam diversas culturas e estéticas é uma estratégia pedagógica crucial na educação contemporânea, visto que essa abordagem enriquece o processo de aprendizagem ao introduzir os estudantes a um leque variado de experiências humanas e perspectivas culturais, ultrapassando as fronteiras de uma única cultura. As representações culturais e estéticas em materiais didáticos, como livros e recursos artísticos, abrangem um conjunto de elementos visuais, narrativos e artísticos que refletem as identidades, histórias e tradições de diferentes grupos, o que proporciona aos estudantes uma visão ampla da humanidade, demonstrada, por exemplo, em livros ilustrados sobre festivais mundiais ou coleções de contos folclóricos que destacam as riquezas das tradições orais e narrativas globais.

Isto posto, integrar tais representações no ambiente educativo significa não apenas promover uma maior compreensão e respeito pelas diferenças culturais, mas também contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica nos alunos sobre como as culturas são representadas globalmente. Ao fazer isso, os educadores não somente tornam o processo educativo mais inclusivo e representativo, mas também preparam os estudantes para viver e interagir em uma

sociedade global diversificada. Essa prática enriquece o conhecimento dos alunos, expandindo sua compreensão do mundo e capacitando-os a desmantelar estereótipos e preconceitos, promovendo um ambiente mais plural e respeitoso.

As ilustrações dos livros possuem um papel de extrema importância na experiência do aluno, como leitor de imagens, pois ao ouvir ou ler a história ele terá como aparato as imagens e nelas buscará todos os detalhes imbuídos nos contos e verá os mesmos detalhes que revelam essas culturas em seus aspectos mais particulares. Quando, por exemplo, contei a meus alunos a história “As babuchas de Abu Kassem”, que relata um pouco sobre a cultura e costumes árabes, a qual não é tão abordada na educação brasileira como a cultura africana e a indígena, as ilustrações adentraram o terreno da leitura de imagens de maneira instintiva, o que fomentou diálogos, questionamentos e curiosidades sobre os hábitos, modos de vida e a arte daquele povo.

Dessarte entendemos que o ensino de arte é provocador de novos olhares e percepções de mundos capazes de ressignificar narrativas oficializadas; de promover o entendimento dinâmico da cultura; de lidar com questões de identidade e diferença, como processos estéticos e discursivos balizares para a promoção da cidadania e da apropriação dos conhecimentos escolares por parte dos estudantes.

Nessa lógica, ao trabalhar a obra “As Babuchas de Abu Kassem”, possibilitamos às crianças, em um primeiro momento, ouvirem a história, observarem as ilustrações e socializarem suas curiosidades, visto que ao terem contato com a indumentária desses povos, como eles se vestem, usam os cabelos, a barba, o turbante, que é um item comum das vestes, a arquitetura das casas com janelas em arabescos, os azulejos e motivos geométricos e orgânicos (porque eles não reproduzem imagens figurativas), as cores e texturas de suas roupas, alguns elementos importantes nessa cultura, como o comércio, e alguns itens como o perfume e o ouro, por exemplo, elas puderam tecer comparações com a cultura ocidental, com outras culturas estudadas e com o próprio cotidiano, adquirindo novos conhecimentos e percepções da realidade.

Todos os detalhes anteriormente descritos, perceptíveis nas ilustrações e no conto, reforçam muito a capacidade argumentativa, visual e, também, de compreensão de como a cultura brasileira é rica em elementos de diferentes culturas. Instintivamente, a criança vai aprendendo a ler a ilustração, associada ao texto e tecer opiniões e comparações sobre o vivido. E, então, seu grau de leitura visual vai se modificando, pois o exercício da percepção é algo indiscutivelmente atraente e relevante.

Desse modo, pensar um ensino de arte que dialoga com as vivências dos estudantes nos faz pensar na efetivação de algumas possíveis abordagens, dentre elas a triangular³ de Ana Mae Barbosa⁴. “No ensino triangular, o contato com a arte é feito por meio de três ações básicas: apreciar, contextualizar e fazer” (BARBOSA, 2008, p. 27). Nesse conceito, a autora

3 Tal abordagem foi criada por Ana Mae Barbosa como sistema epistemológico que articula a leitura com a contextualização e o fazer artístico. Ver: RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; SILVA, Mauricio da. Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. In: Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 220-230, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 16 jun. 2023.

4 Professora, arte-educadora e pesquisadora. Sua obra é voltada para a teoria do ensino e a história da arte. Barbosa é responsável pela sistematização da abordagem triangular da arte-educação, que constitui uma das bases conceituais de parâmetros curriculares de ensino de arte. ANA Mae Barbosa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa759/ana-mae-barbosa>. Acesso em: 16 jun. 2023.

propõe um modelo de ensino de arte que se baseia em três componentes interligados. Primeiro, o “apreciar” envolve os alunos na observação atenta e na análise crítica de obras de arte, estimulando o desenvolvimento de um olhar sensível e apurado para a arte. Este aspecto não se limita apenas à contemplação passiva, mas engaja os estudantes em um diálogo ativo com as obras, incentivando-os a interpretar e a expressar suas próprias reações e pensamentos.

O segundo componente, “contextualizar”, refere-se à compreensão das obras de arte dentro de seus contextos históricos, culturais e sociais. Aqui, os alunos aprendem sobre as circunstâncias em que as obras foram criadas, os movimentos artísticos a que pertencem, as intenções dos artistas e as influências culturais que moldaram as obras. Esse processo ajuda os estudantes a entender a arte como um reflexo e uma expressão da sociedade e da história.

Finalmente, o “fazer” é o pilar prático no qual os estudantes se envolvem na criação artística, aspecto do modelo triangular que é essencial, pois permite que os alunos apliquem seus conhecimentos e expressões pessoais por meio da arte e experimentam diferentes técnicas, materiais e formas de expressão, desenvolvendo assim suas habilidades artísticas e sua voz criativa.

Então, essa abordagem pode ser aplicada ao processo de desenvolvimento da experiência estética⁵ pela literatura infantil, visto que, ao passar pela leitura visual e auditiva, a criança desenvolve esses elementos na proposta criativa como uma maneira de revelar aquilo que absorveu desse aprendizado, e contextualiza essa nova cultura em seu repertório, que vai se construindo como em forma de leque, conforme descobre novas culturas por meio dos contos e das imagens em forma de ilustrações. Tal experiência proporciona à criança uma rica vivência em que o final é marcado pela reflexão sobre si mesma e sobre o mundo à sua volta. E,

Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. (Barbosa, 1994, p. 19).

Nessa perspectiva, a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais, como destaca Rizzi (2017), é uma teoria dinâmica que se encontra inacabada e aberta, referendada pelo alicerce freiriano e pela dialógica de compreensão da conexão entre educação e arte, permitindo modificações, acréscimos e ressignificações produzidas e provocadas no ensinar-aprender de estudantes e docentes.

Em relação à cultura afro, isso não é diferente, pois ela é rica de sentidos e significados e permite ao professor lê-la no plural, provocando e produzindo contribuições significativas para a cultura brasileira em geral. É necessário destacar que nas escolas, em especial da rede pública, é que temos os maiores desafios em planejar, propor e executar aulas que instiguem nos estudantes uma compreensão da realidade, de entendimento das múltiplas relações, sejam elas étnico-raciais ou de outras

5 A experiência estética é essencialmente uma experiência perceptiva, na qual o sujeito participa ativamente com sua sensibilidade, seu corpo, seus afetos, sua imaginação e sua criatividade diante de um determinado objeto. REIS, Alice, A experiência estética sob um olhar fenomenológico, 2011, p. 84. Disponível em: <https://tinyurl.com/47cbnzf9>. Acesso em: 16 jun. 2023.

naturezas, proporcionando um sentido mais plural do exercício da multiplicidade de pensamentos, narrativas e tempos históricos.

Nesse contexto, faz-se importante abordar o entendimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros, compreendendo-os como uma forma de promover a valorização da cultura afro-brasileira, recuperando e valorizando as contribuições dos afrodescendentes para a arte e para a cultura nacional, o que também nos permitem desconstruir estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Nas práticas em arte educação, que serão descritas nesta pesquisa, os valores afro-brasileiros que mais utilizamos, na intenção de construir um aprendizado significativo na temática da diversidade cultural com crianças do Ensino Fundamental I, foram:

O respeito a individualidade e a consciência sobre a energia vital de cada um, que implica num olhar carregado da certeza de que as crianças são sagradas, divinas e cheias de vida;
A valorização da oralidade, visto que nossa expressão oral é dotada de significados, e de marcas da nossa individualidade, e que quando trabalhamos neste sentido, estamos criando laços de comunicação, saberes e memórias com os nossos estudantes. E, a circularidade, que é um valor bastante simbólico para a cultura africana e que está relacionada ao movimento, à renovação e ao sentimento de acolhimento e coletividade dentro do ambiente. (Trindade, 2005, p. 33-34).

Os aspectos abordados nos valores civilizatórios, em meio às práticas docentes, funcionam como mola propulsora capaz de efetivar práticas educativas que valorizem o tema da diversidade cultural de forma significativa e plural. A intenção principal aqui é estabelecer um ambiente de convívio mútuo, que priorize o respeito, a amizade e a criatividade.

Sendo assim, desenvolver estratégias pedagógicas para promover momentos em que a criança possa ser ouvida, é de suma importância, pois nesse contexto sua individualidade, suas vivências e experiências são respeitadas. Esse espaço de fala pode ser concebido de diferentes formas, seja por meio de uma roda de conversa após um filme, uma leitura de imagem da arte, ou mesmo do livro literário.

Quando buscamos estabelecer uma relação de diálogo com as crianças, estamos afirmando a importância delas no contexto em que estão inseridas, e também contribuindo para a formação de sua identidade cultural de modo positivo. A escuta contribui para o desenvolvimento da autoconfiança, ou seja, a convicção que uma pessoa tem de sua importância e capacidade de realizar algo, o que configura uma habilidade fundamental na vida em sociedade.

Pautando-se na valorização da oralidade, a simples mudança de ambiente da sala de aula para uma área externa, uma biblioteca, uma sala de arte, ou sala de vídeo, também concede estímulos para se trabalhar a temática da diversidade cultural de modo mais satisfatório com os estudantes. Devemos ter em mente que o momento da fala é a oportunidade para que haja interação e conhecimento do eu e do outro por parte da criança.

Portanto, a oralidade é aqui compreendida como “[...] uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (Marcuschi, 2001, p. 25).

Quando propomos práticas educativas que incentivam a interação dos estudantes, em que cada um possa se expressar e dizer sobre o seu universo cultural, sobre suas práticas, saberes e fazeres, incentivamos o valor afro-brasileiro da oralidade e com ele a efetivação do processo de escuta-fala. A oralidade no decorrer de minhas práticas como arte educadora

se materializa em dois momentos específicos, sendo um na introdução, quando apresento a temática para a turma com a intenção de averiguar o que os mesmos conhecem sobre determinado assunto, e o outro, ao findar a contação de história, com a finalidade de contextualizar a narrativa com as vivências pessoais, tornando essa prática próxima à realidade de cada um.

A aplicação, no caso da sala de aula do formato circular, outro valor civilizatório que nos diz da inserção de todas as pessoas no mesmo patamar de importância, traduz bem a intenção de escuta e de fala, pois propiciam o exercício do respeito, da amizade e da valorização das individualidades, dos pontos de vista entre as pessoas, colocando todos na horizontalidade sem distinções ou intencionalidades nas escolhas.

Considerando que povos como os indígenas brasileiros e os africanos mantêm o costume de unirem-se em formato circular para ouvir e contar histórias, utilizar desse meio para conduzir diálogos, escutas, fazeres, dentre outras experiências, é uma maneira de priorizar o sentimento de pertencimento e de acolhida com os estudantes.

Dentre os valores afro-brasileiros, a Circularidade é o que mantém a horizontalidade, a equiparação e garante que todos estejam na mesma posição, sem hierarquizar a sala de aula ou seus indivíduos. Ela é uma movimentação dialógica, espiral, sem início e sem fim, e permite que as pessoas se comuniquem troquem olhares, saberes, pois a condição de estar em roda pode ser entendido como um movimento cíclico, que além de provocar a comunicação, provoca também a interação.

Ao se tratar da relação entre arte e a educação pela diversidade, essas duas áreas estão interconectadas e têm uma relação íntima e significativa na formação integral dos indivíduos, visto que o estudo da arte e das diferentes culturas nas escolas possibilitam ao estudante uma visão mais ampla do mundo à sua volta, contribuindo com o enriquecimento de seu repertório cultural, que é a base para o exercício da cidadania e do respeito às diferenças.

Por meio da arte, os processos educacionais podem ser enriquecidos e ampliados, proporcionando aos estudantes experiências valiosas de criação, apreciação e reflexão crítica. Por meio de atividades livres, coletivas e individuais, como a prática da contação de história, desenhos, brincadeiras e fotografias, por exemplo, podemos oferecer aos alunos uma interação saudável e referenciada no ensino da diversidade cultural.

A arte também possibilita abordar questões sociais, culturais, históricas e contemporâneas, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. Na escola, a arte, incorporada em diferentes disciplinas e níveis de ensino, enriquece o currículo escolar e proporciona aos estudantes oportunidades de aprendizagem significativas. Além disso, podemos utilizá-la como estratégia pedagógica para engajar os estudantes, tornando o processo educacional mais motivador, lúdico e participativo, visto que a arte proporciona, de modo geral, o desenvolvimento estético e inteligível do sujeito, o que implica na sua formação estética, contribuindo assim para a ampliação não só cognitiva, mas também social e emocional do mesmo.

Entendemos que a formação estética é intrinsecamente conectada à concepção de que a escola deve oferecer uma educação voltada para a humanização do olhar, um aprimoramento dos sentidos por meio do contato com as artes, e uma expansão do entendimento, através da construção e reconstrução de conceitos (Soares, 2017, p. 88). Nesse viés, a arte desempenha um papel importante na formação da identidade e na construção da autoestima dos estudantes, permitindo-lhes expressarem suas emoções, pensamentos e vivências de maneiras criativas e autênticas. Portanto, a incorporação da arte na

educação pela diversidade pode enriquecer o processo educacional e contribuir para a formação de indivíduos mais criativos, sensíveis, críticos e conscientes.

Trabalhar a diversidade cultural nas aulas de Artes Visuais proporciona aos estudantes uma maior compreensão e valorização das diferentes culturas presentes em sua comunidade e no mundo, promovendo a empatia, o respeito e a tolerância, sendo que por meio do contato com a arte de diferentes origens culturais os estudantes podem ampliar seu repertório visual e estético, desenvolvendo uma compreensão mais rica e inclusiva da arte e da cultura. Ao explorar diferentes culturas, suas formas de expressão artística, técnicas, materiais e temas, a criança tem a oportunidade de experimentar e incorporar elementos culturais em suas próprias criações artísticas, desenvolvendo uma visão de mundo mais ampla e diversificada.

Para a presente pesquisa, buscou-se o embasamento na Abordagem Trilateral de Barbosa (2010), que perpassa as vertentes da leitura de imagens artísticas e /ou visuais, as narrativas, os aspectos formais da arte, os artistas, entre várias outras possibilidades. As propostas criativas caracterizam o fazer artístico, porque exploram o potencial imaginativo do estudante. E a contextualização, que se desvela nas histórias e ilustrações, nas quais a criança percebe-se ou não dentro das narrativas, tanto na leitura oral, contada pelo professor, quanto imagética, ela vai descobrindo o mundo em que vive, o contexto o qual ela faz parte, e aquele que está aquém de sua realidade.

A pesquisa em questão também percebe que o livro literário, ao ser utilizado como objeto artístico pelo professor em suas aulas, conduz os estudantes a uma experiência estética diferenciada, visto que é possível expor as crianças ao seu potencial criativo e imaginativo, fazendo com que os mesmos vivenciem juntos, em sala de aula, um aprendizado étnico, cultural e socialmente referenciado.

Os livros literários possibilitam enriquecer a prática docente em Artes Visuais com crianças, pois permitem a abordagem de diferentes temas e culturas de forma lúdica e acessível. Ao utilizar livros que abordem a diversidade cultural, o professor pode estimular a curiosidade, o respeito e a empatia das crianças, contribuindo para a formação de cidadãos mais tolerantes e conscientes. Ademais, por meio da prática docente em Artes Visuais, com enfoque nas diversas culturas, as crianças podem aprender a apreciar e respeitar as várias formas de expressão artística, ampliando seu repertório visual e cultural, ou seja, a valorização dessas diferenças pode contribuir para a construção de uma identidade cultural positiva e fortalecer a autoestima das mesmas.

Ao selecionar os livros utilizados em sala de aula, o professor pode introduzir diferentes culturas, promover a reflexão sobre as diferenças e estimular a valorização da diversidade. Sendo assim, os livros literários podem abordar a diversidade cultural de várias maneiras, como a representação de personagens de diferentes origens étnicas e raciais, a descrição de costumes e tradições de outras culturas, a apresentação de histórias e lendas de diversas partes do mundo, e a abordagem de questões sociais e culturais relevantes, como preconceito, discriminação e inclusão. Por meio das ilustrações, por exemplo, o professor pode conduzir diálogos, leituras de imagens e os fazeres em arte. Atividades direcionadas de desenho, dobradura, recorte e colagem que estejam relacionadas com os elementos presentes na história e que suscitam os temas abordados, proporcionando o adentramento às temáticas sobre as diversidades culturais de forma lúdica.

É importante que os livros literários utilizados na prática docente, em Artes Visuais, sejam selecionados com cuidado,

levando em consideração a autenticidade e a representatividade das histórias e das ilustrações. É essencial também, que esses títulos retratem as diferentes culturas de forma respeitosa e livre de estereótipos, evitando apropriação cultural e promovendo a valorização das diversas expressões culturais presentes na sociedade.

Os livros literários podem ser utilizados de diversas formas na prática docente em Artes Visuais, como fontes de inspiração para atividades artísticas, ponto de partida para discussões e reflexões sobre a diversidade cultural, e estímulo para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças. As atividades artísticas inspiradas pelos livros literários podem envolver a pintura, o desenho, a colagem, a escultura, entre outras técnicas, permitindo que as crianças expressem suas percepções, ideias e emoções em relação à diversidade cultural.

Além disso, os livros literários podem contribuir para a ampliação do repertório cultural das crianças, possibilitando o contato com diferentes formas de expressão artística, estilos, artistas e movimentos artísticos de distintas culturas. Isso pode estimular o interesse e a apreciação pela diversidade cultural, bem como a construção de uma visão de mundo mais inclusiva e plural. Por meio de histórias e ilustrações autênticas e representativas, os livros podem contribuir também para a valorização das diferenças culturais, o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças.

Dessa forma, esta pesquisa objetiva demonstrar a importância do livro literário como ferramenta pedagógica do professor de artes no ensino da diversidade cultural, tanto pela utilização da linguagem escrita, quanto pelas imagens, tendo como recorte práticas e experiências vivenciadas nessa temática com turmas do Ensino Fundamental I da rede municipal de Uberlândia, entre os anos de 2019 e 2022.

Esse detalhamento busca gerar reflexões acerca de possibilidades, na atualidade, de ampliar o contato, o discernimento e instigar na criança o prazer em aprender sobre as diferenças étnicas e culturais que a cercam, tendo em vista que “Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo, é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística” (Ferraz; Fusari, 1991, p. 69).

A afirmação de Ferraz e Fusari (1991) ressalta a importância de uma compreensão profunda e contextualizada dos estudantes em relação à sua própria realidade cultural e social, como ponto de partida para um ensino de arte verdadeiramente impactante e transformador. O conhecimento sobre a relação dos alunos com sua região, com o Brasil e com o mundo, é fundamental para criar estratégias pedagógicas que se conectem com suas vivências e aspirações, promovendo uma aprendizagem significativa e relevante. Dessa forma, ao entender o contexto e os valores dos estudantes, o educador em arte pode desenvolver práticas pedagógicas que mobilizem a assimilação e apreensão de informações na área artística de maneira crítica e reflexiva, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de apreciar, valorizar e interagir com a diversidade cultural que os cerca.

Assim, considera-se que o objeto central deste estudo consiste em investigar as práticas pedagógicas em arte que integram a literatura como recurso didático para abordar a temática da diversidade cultural no Ensino Fundamental I. Essa pesquisa busca explorar como a arte e a literatura, quando conjugadas, podem criar um espaço rico e propício para o desenvolvimento de uma educação que valoriza e respeita a diversidade cultural. Através da análise de práticas educativas

específicas, pretendeu-se compreender de que maneira os professores de arte podem utilizar a literatura para ampliar o horizonte cultural dos estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa que contribua para a formação de cidadãos conscientes, críticos e respeitadores das diversas culturas que compõem o tecido social brasileiro.

1.2 Caminhos metodológicos da pesquisa

Os passos metodológicos de uma pesquisa desempenham um papel crucial na condução de um estudo, especialmente quando se trata de investigar aspectos relacionados ao ensino de arte. Os métodos adotados guiam a pesquisa, fornecendo as ferramentas e abordagens necessárias para coletar e analisar dados de maneira sistemática e fundamentada. Neste contexto, a metodologia adotada para explorar o ensino de arte deve estar alinhada aos objetivos do estudo, garantindo que os resultados sejam confiáveis e válidos.

A pesquisa em ensino de arte, muitas vezes, requer uma abordagem interdisciplinar, envolvendo uma combinação de métodos qualitativos e quantitativos. Segundo Barbosa (2010), a pesquisa em arte-educação deve ser flexível e aberta, permitindo a inclusão de múltiplas perspectivas para compreender os fenômenos estudados. Essa flexibilidade é essencial para abordar a complexidade do ensino de arte, que envolve não apenas aspectos técnicos e estéticos, mas também culturais, sociais e psicológicos.

A fundamentação teórica é outro aspecto fundamental dos caminhos metodológicos da pesquisa em ensino de arte. A literatura especializada em arte-educação oferece uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras e eficazes. Na perspectiva de Penteado (2001), a fundamentação teórica permite ao pesquisador construir um arcabouço conceitual que guiará a análise dos dados coletados, garantindo que as interpretações sejam embasadas e relevantes para o campo da arte-educação.

Portanto, os caminhos metodológicos da pesquisa em ensino de arte são cruciais para a condução de um estudo bem-sucedido. A combinação de métodos qualitativos e quantitativos, aliada a uma fundamentação teórica sólida, proporciona ao pesquisador as ferramentas necessárias para explorar a complexidade do ensino de arte, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e eficazes que atendam às necessidades dos estudantes e promovam um aprendizado significativo.

Assim, para a elaboração desta pesquisa adotou-se uma metodologia que se baseia na análise temática por meio de pesquisa bibliográfica, bem como na elaboração de um relato de experiência. As práticas mais recentes realizadas como arte-educadora em turmas específicas do Ensino Fundamental I das escolas municipais da cidade de Uberlândia-MG foram incluídas para proporcionar um panorama detalhado e fundamentado sobre a temática abordada. Essa abordagem metodológica é essencial para embasar-se tanto em referências teóricas quanto em vivências práticas no campo educacional.

A abordagem qualitativa é essencial para entender os aspectos subjetivos e culturais que permeiam a prática docente no ensino de arte, especialmente quando se trata de abordar a diversidade cultural. Lakatos e Marconi (2010) destacam que a pesquisa qualitativa se caracteriza pela observação de fenômenos naturais e pela intuição na coleta de dados, permitindo uma

análise aprofundada e rica em detalhes. No caso deste estudo, a abordagem qualitativa foi fundamental para captar a complexidade das interações entre estudantes, professores e o conteúdo artístico e cultural abordado nas aulas.

Sobre essa perspectiva, Segundo Ramos *et al.* (2022, p.12), a pesquisa bibliográfica é “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem é permitir ao pesquisador uma cobertura mais ampla do que se fosse pesquisar diretamente em campo”.

Em concordância, a abordagem qualitativa é uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada nas ciências humanas e sociais, caracterizada por sua flexibilidade e adaptabilidade às complexidades e nuances dos fenômenos humanos e sociais. De acordo com Denzin e Lincoln (2011), a pesquisa qualitativa envolve a coleta e análise de dados não-numéricos, como textos, discursos, imagens e observações, a fim de compreender profundamente os significados, contextos e processos subjacentes aos fenômenos estudados.

Outrossim, a abordagem qualitativa é particularmente relevante para a educação em arte, pois permite explorar as experiências e percepções dos estudantes e educadores em relação ao processo de ensino-aprendizagem, bem como as dinâmicas sociais e culturais que influenciam esse processo. Segundo Eisner (1998), a pesquisa qualitativa em educação artística possibilita uma compreensão mais rica e contextualizada dos modos como os estudantes expressam e interpretam suas experiências estéticas, bem como dos processos criativos e simbólicos envolvidos na produção e apreciação da arte.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa é fundamental para investigar as práticas pedagógicas em arte que incorporam a literatura como um recurso para abordar a diversidade cultural no Ensino Fundamental I. Essa metodologia permite uma análise detalhada e contextualizada das estratégias pedagógicas utilizadas pelos educadores, bem como das percepções e respostas dos estudantes em relação à integração da literatura nas aulas de arte.

Desse modo, a abordagem qualitativa contribui para uma compreensão mais profunda das potencialidades e desafios dessa prática pedagógica, bem como para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e significativas para promover a apreciação da diversidade cultural através da arte.

A pesquisa, neste caso, é considerada exploratória e descritiva, visando ilustrar de que maneira a literatura infantil e infantojuvenil podem se tornar uma ferramenta valiosa para práticas docentes no ensino de arte, principalmente no que tange à diversidade cultural em ambiente escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) serviram de norte de compreensão das modificações propostas pela BNCC e, também, se somaram às contribuições de estudiosos renomados, como Penteado (2001), Barbosa (2010) e Trindade (2005), que oferecem uma base teórica sólida para a análise dos dados coletados. Essa combinação de pesquisa bibliográfica e análise de práticas pedagógicas propicia um olhar abrangente sobre a temática em questão, permitindo a identificação de estratégias eficazes para a promoção da diversidade cultural em sala de aula.

O relato de experiência, por sua vez, descreveu práticas pedagógicas desenvolvidas pela pesquisadora em sua atuação como professora de artes visuais do Ensino Fundamental I nos últimos cinco anos. Essas práticas estão fundamentadas principalmente nos “Valores civilizatórios afro-brasileiros”, propostos por Azoilda Trindade, que preconizam uma educação pautada na diversidade cultural em todos os ciclos e níveis escolares.

Ademais, o relato de experiência é um método de pesquisa qualitativa que permite explorar as vivências práticas do pesquisador ou educador em seu ambiente de trabalho, possibilitando uma análise aprofundada de suas práticas pedagógicas, desafios enfrentados, e estratégias desenvolvidas para superá-los. Este método é particularmente útil em pesquisas educacionais, pois fornece uma visão interna das dinâmicas de ensino-aprendizagem, oferecendo um panorama realista e contextualizado do ambiente escolar.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o relato de experiência proporciona uma rica fonte de dados para a pesquisa qualitativa, uma vez que permite o acesso a informações que muitas vezes não são captadas por outros métodos de pesquisa, como questionários ou observações. Essa abordagem facilita uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, visto que é baseada em experiências vividas e observações diretas do pesquisador.

Dessa forma, o relato de experiência se constitui como um recurso valioso para explorar as práticas pedagógicas em arte, particularmente no que se refere à incorporação da literatura como um recurso para abordar a diversidade cultural no Ensino Fundamental I. A análise das experiências vividas pela pesquisadora em sua atuação como arte-educadora, bem como a reflexão sobre as estratégias utilizadas para integrar a literatura nas aulas de arte, oferece informações importantes para a compreensão das potencialidades e desafios desse tipo de abordagem pedagógica.

Aspectos como a criação de um ambiente de convívio harmonioso, a promoção de rodas de conversa e outras dinâmicas lúdicas, que propiciem esclarecimentos acerca da temática, são incorporadas ao estudo, assim como a utilização de obras literárias infantis e infanto-juvenis. Essas últimas, por sua vez, possibilitaram experiências enriquecedoras para o ensino-aprendizagem da diversidade cultural no componente das artes, conferindo ao tema um tratamento instigante, leve e contextualizado à realidade dos estudantes.

A pesquisa foi realizada nas escolas municipais da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, com a participação de estudantes do Ensino Fundamental I. O local escolhido foi significativo, pois reflete a diversidade cultural presente no contexto educacional brasileiro. A pesquisadora, que atuou como professora de artes visuais nessas escolas, teve a oportunidade de observar de perto as interações entre estudantes e conteúdo pedagógico, o que enriqueceu a análise dos dados coletados.

O produto final deste estudo consiste em dois recursos pedagógicos: um guia impresso e um blog. O guia, intitulado “Guia literário de diversidade cultural: Auxílio na prática docente em artes visuais com crianças”, reúne títulos literários relevantes, informações sobre os autores, ilustradores, ano de publicação, além de sugestões de atividades relacionadas ao tema. Já o blog funciona como um canal de informação para professores, abrangendo resenhas e imagens que representam os temas de arte, cultura e diversidade. Ambos os produtos são ferramentas valiosas para enriquecer as práticas pedagógicas dos professores de arte, promovendo um aprendizado mais diversificado e contextualizado.

Assim, a utilização de um guia literário em sala de aula serve como uma ferramenta pedagógica valiosa que pode auxiliar os professores no planejamento e execução de atividades que explorem a riqueza cultural presente na literatura, proporcionando aos estudantes a oportunidade de entrar em contato com diferentes culturas e perspectivas. Por meio da leitura e análise de obras literárias que abordam a diversidade cultural, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais

ampla e crítica acerca da pluralidade cultural existente na sociedade brasileira e no mundo, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação às diferenças culturais.

Isto posto, o acervo *online* como uma plataforma de compartilhamento de informações e recursos, pode enriquecer as práticas pedagógicas dos educadores. Este acervo é composto por resenhas de obras literárias que abordam a temática da diversidade cultural, bem como outras informações relevantes que auxiliarão os professores na seleção de obras literárias adequadas para trabalhar essa temática em sala de aula. Dessa forma, o produto final desta pesquisa contribui para o enriquecimento das práticas pedagógicas em arte-educação, promovendo uma abordagem mais integrada e contextualizada da diversidade cultural no Ensino Fundamental I.

2 DE LEITORA À INCENTIVADORA DA LEITURA: PERCURSOS DA INFÂNCIA À DOCÊNCIA

O contato com os livros literários desde a minha infância foi determinante para que eu trilhasse o caminho da docência em arte. Minha mãe sempre incentivou a mim e aos meus irmãos a nos aproximarmos da literatura. Naquela época, mesmo antes de sermos alfabetizados, já fazíamos leituras visuais e desvendávamos as histórias por meio das ilustrações. Após a alfabetização, as bibliotecas tornaram-se locais mágicos para mim, pois era lá que eu descobria diversas histórias enriquecidas por inúmeras ilustrações.

Aos 7 anos, quando comecei meu curso de desenho no Conservatório Estadual de Música de Uberlândia, comecei a ilustrar as histórias que observava, cada uma ao meu modo. A biblioteca também serve como referência para minhas releituras literárias. Foi nesse período que descobri outra paixão que exploraria mais futuramente: a arte. Nas estantes da biblioteca, descobri a coleção "Mestre das Artes", do autor e ilustrador Mike Venezia, o que só fez aumentar meu fascínio pelas histórias de vida dos artistas.

Do ensino básico, trago boas lembranças das aulas de arte, tempo em que a professora nos apresentava toda semana um exemplar de sua coleção de livros e uma de suas pranchas de imagem com temas artísticos, uma prática bastante comum quando intenciona-se trabalhar leitura e releitura de obras de arte com os estudantes. Isso em muito aguçou minha imaginação e meu apreço pela literatura e pelas próprias aulas.

Ao iniciar meus estudos no Ensino Fundamental II, me deparei com uma situação que me deixou um tanto decepcionada em relação ao sistema de empréstimo de livros em minha escola. Dada a grandiosidade da unidade escolar, com diversas turmas a serem atendidas, as visitas à biblioteca ocorriam de maneira restrita, limitando-se a três alunos por vez, em ordem alfabética. Infelizmente, eu era sempre uma das últimas a ter acesso aos livros, e quase nunca encontrava os títulos de meu interesse disponíveis. Essa experiência contribuiu para um afastamento temporário da literatura e da leitura.

Felizmente, esse distanciamento não perdurou por muito tempo. Quando ingressei no Ensino Médio, a dinâmica de funcionamento da biblioteca era outra, proporcionando maior liberdade para o empréstimo de livros, inclusive durante o recreio - tempo que, para mim, passava despercebido de tão envolvente que era. Nesse período, também tive a oportunidade de estabelecer uma amizade com a bibliotecária, uma funcionária extremamente prestativa, que sempre fazia questão de me informar sobre os novos títulos adquiridos pela biblioteca. Como eu era uma usuária assídua do serviço de empréstimos, ela já conhecia bem o meu gosto literário: histórias infanto-juvenis enriquecidas com ilustrações.

Atualmente, sou professora de artes visuais na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia (MG), trabalhando nessa área desde 2019 com crianças de 1º ao 5º ano. À medida que me aperfeiçoou como docente, percebo, por meio da convivência com os alunos, a relevância que o livro literário tem nas aulas de arte e recorro sempre a essa ferramenta para dinamizar e enriquecer minhas práticas pedagógicas.

Percebo ainda, a partir de experiências próprias, e também por conversas com outros docentes das artes visuais, que as escolas têm poucas possibilidades de trabalhar as imagens dentro de sala de aula. Em muitas escolas, projetores, TVs e recursos similares estão fora do alcance dos professores como recursos metodológicos das aulas, seja pela dificuldade em

utilizá-los (agendamento de salas e equipamentos, dinâmica de eventos escolares e horários, problemas técnicos, dentre outros), ou mesmo pela falta desses recursos no espaço escolar.

Sendo assim, os livros literários, sejam aqueles voltados para a arte ou para histórias que resgatam culturas diversas, representam recursos valiosos para o processo de ensino-aprendizagem no âmbito da arte. Eles integram a contação de histórias e a imaginação, apresentando como as culturas são retratadas nas narrativas ou por meio das ilustrações. Além disso, garante um contato direto com a arte, suas imagens, os artistas e os conteúdos específicos, como os elementos formais da arte – pontos, linhas, formas e cores –, entre outros aspectos relevantes para o componente curricular em questão.

As ilustrações de um livro permitem tornar visual elementos de uma cultura representada por uma história. Para compor a temática dos povos indígenas, um título como “Abaré”, por exemplo, permite trabalhar desde a capa, os elementos dessa determinada cultura com os estudantes; grafismos indígenas e tipos de indumentária. Isso nos possibilita, por meio da história visual contida em um livro-imagem, entender como vivem esses povos, observando suas práticas culturais, hábitos e costumes retratados nas ilustrações.

Conseguimos perceber como eles criam seus objetos artísticos, utilizando recursos naturais disponíveis em seu meio, como o barro para fabricar utensílios, fibras de árvores e madeira para construir suas ocas e instrumentos musicais. Um exemplo disso é a flauta tocada pelo menino na história, que ele mesmo confeccionou com recursos encontrados na natureza. Essas e outras abordagens enriquecem a percepção dos estudantes sobre a arte e a cultura desses povos, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e integrada. A leitura de obras de arte, junto a propostas diferenciadas de apreciação estética em sala de aula, contribui para uma aprendizagem significativa do ensino de arte.

Por isso, existem diversas categorias de livros em que o professor pode optar em trabalhar no âmbito da sala de aula, como por exemplo, livros de imagem, livros temáticos, livros ilustrados com obras de arte, livros de temas relacionados, entre outros, conforme pontuam as autoras Arslan e Lavelberg (2011). Os títulos literários com assuntos relacionados, por exemplo, sejam por meio das narrativas ou das próprias ilustrações, possibilitam enriquecer o repertório lúdico-imaginário, fazer conexões com o tema proposto e também ampliar o olhar do indivíduo para a arte além do convencional.

Atuando como docente desde 2016, analiso que o cenário da arte no âmbito escolar, principalmente após a pandemia da Covid-19, tem sido cada vez mais desafiador. Dialogando com outros profissionais da área, também da rede pública, percebo que questões marcantes em minha realidade como docente também são comuns na realidade dos mesmos. Entre essas questões, pode-se citar a falta de recursos midiáticos como televisão, jornais, a internet, revistas, vídeos, dentre outros) e a curta carga horária dedicada à disciplina de arte que demonstra a desvalorização do próprio componente curricular no currículo estudantil.

Partindo desses aspectos pontuados, percebo o livro literário como a ferramenta mais democrática no ensino, visto que na maioria das escolas municipais brasileiras pode-se encontrar uma biblioteca, por menor que seja, e o livro poder ser emprestado e utilizado por professores e estudantes. Sabe-se que essa ferramenta é eficaz no ensino-aprendizagem, ao passo que permite ao estudante adquirir conhecimentos variados, se colocar em situações existenciais e entrar em contato com novas ideias de maneira lúdica.

A arte brasileira é um riquíssimo mosaico cultural e estético, reflexo de um país que, desde o seu descobrimento, foi formado pela confluência de diversos povos e culturas. Essa diversidade se constitui em uma característica intrínseca do Brasil e de sua autonomia, que, ao longo de sua história, não apenas acolheu, mas também se entrelaçou com diferentes culturas e povos em sua vasta extensão territorial. O resultado desse encontro é uma cultura plural, múltipla e multifacetada, da qual a arte brasileira é um dos principais espelhos. Assim como o povo brasileiro, nossa arte é uma tapeçaria viva, em constante processo de construção e reinvenção.

Considerando que o Brasil é um dos países mais diversos etnicamente do mundo, e que sua população tem descendência de colonizadores europeus (brancos), negros (africanos), indígenas brasileiros (povos originários), dentre outros povos imigrantes, podemos considerar que um dos avanços educacionais mais notáveis que ocorreu nestes últimos anos, foi a introdução de temas relacionados à diversidade cultural nas escolas.

O universo da arte popular brasileira, por exemplo, envolve cantigas e folguedos, contos tradicionais, danças, textos escritos (como a literatura de cordel), cerâmica utilitária e ornamental, 75 tecidos e uma infinidade de objetos que são diferentes em cada região do Brasil. São formas de arte que expressam a identidade de um grupo social e não são nem mais nem menos artísticas do que as obras produzidas pelos grandes mestres da humanidade. O professor pode descobrir, em primeiro lugar para si mesmo, o valor e a riqueza das manifestações artísticas brasileiras na sua variedade. Além disso, pode encontrar, na arte local de sua comunidade, uma fonte inestimável de aprendizagem para seus alunos. (Brasil, 1997, p. 74-75).

A educação em arte no Brasil nem sempre valorizou as identidades culturais de todos os sujeitos. Com as mudanças no arcabouço normativo, seu ensino foi se voltando mais para a valorização dos pertencimentos culturais dos mais diversos grupos sociais, como constam nos PCNs e também na BNCC. Assim, a arte na história do Brasil segue, em cada momento, um papel, uma função e um sentido diferente, seguindo também a realidade da história da humanidade. No contexto vigente, o ensino de arte segue a linha dessa realidade, em que o docente de arte tem diante de si um campo amplo de artistas, estilos, culturas, e logo, possibilidades de instigar e mediar o conhecimento da arte brasileira nos estudantes.

Na tarefa de seleção dos trabalhos de arte a serem utilizados, tanto brasileiros quanto de outros povos, contemporâneos ou de outras épocas, é importante que o professor tenha em mente a vinculação de tais trabalhos com os grupos humanos que os produziram, ressaltando os componentes culturais neles expressos: os diversos modos de elaboração de artistas, diferentes materiais, valores, época, lugar, costumes, crenças e outras características que se manifestam nesses trabalhos. (Brasil, 1997, p. 75).

Esses mesmos valores, costumes e crenças culturais, presentes na arte brasileira e sua cultura, estão presentes dentro de sala de aula, em cada estudante. Cada um com suas especificidades culturais, sociais e vivendo em um país diverso em aspectos distintos. Nesse sentido, as diferentes culturas, as sociedades e comunidades de seus estudantes devem ser contempladas no ensino, assim como aquelas que estão distantes, mas fazem parte do 'leque cultural' do país, e do povo como um todo.

As artes visuais como produto cultural e histórico no Brasil podem ser trabalhadas de maneira plural, transversal⁶

⁶ Segundo o Ministério da Educação, os temas transversais estão voltados para a compreensão e para a construção da realidade social e dos direitos e

interdisciplinar⁷ em sala de aula, trazendo conexões junto à história, geografia, literatura, entre outros componentes curriculares presentes na BNCC, pois a arte é produto cultural de um povo e isso permeia inúmeras conexões com aspectos distintos do povo, da sociedade e sua identidade. Nesse sentido, os PCNs trazem, dentre outras orientações:

Reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos Identificação de produtores em artes visuais como agentes sociais de diferentes épocas e culturas: aspectos das vidas e alguns produtos artísticos, contato frequente, leitura e discussão de textos simples, imagens e informações orais sobre artistas, suas biografias e suas produções, reconhecimento e valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais. (Brasil, 1997, p. 47).

Diversos documentos, e inclusive leis, foram criadas e modificadas a fim de respaldar um ensino que valorize as diferentes culturas. Com a implantação da BNCC, em 2018, tem se tornado cada vez mais proeminente o envolvimento de todos os componentes curriculares, no sentido de integrar as culturas ao ensino, principalmente abordando datas comemorativas que culminam em projetos dentro da educação e são apresentados em momentos dinâmicos do calendário das escolas municipais, como os sábados escolares.

Esses projetos são realizados com o apoio da equipe pedagógica e, geralmente, explora-se a abordagem interdisciplinar. Por exemplo, docentes de arte trabalham concomitantemente com os de história e literatura as datas referentes à cultura indígena e cultura africana, a fim de abranger e conectar conhecimentos para que os estudantes desenvolvam suas propostas criativas. Podemos destacar as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, uma vez que ambas instituem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas comuns do Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas e particulares de todo o país. No componente Arte, essas leis têm contribuído para um ensino mais inclusivo e diversificado de modo geral.

As leis N° 10.639/2003 e N° 11.645/2008 possibilitaram adentrar questões em educação às relações étnico-raciais, o que inclui os diferentes povos responsáveis pela formação da identidade brasileira. Conforme pontua Silva (2021), essas leis ainda contam com poucas ações de aplicabilidade nas escolas, sendo o programa A Cor da Cultura⁸, iniciado em 2004 e coordenado por Azoilda Loretto da Trindade, um dos grandes referenciais para a formação de professores engajados nessa temática. Nesse sentido, e com um olhar imerso para a ludicidade e para contextualização que o livro literário nos provê, é que apresentamos nesta pesquisa algumas possibilidades dialógicas de trabalho no campo de estudos criados pelas leis citadas acima.

Com base no acervo de livros literários infantis e infantojuvenis que adquiri ao longo da minha trajetória como professora, percebo as inúmeras possibilidades pedagógicas relacionadas ao tema da diversidade étnico-racial presentes em

responsabilidades relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

7 Para saber mais sobre o conceito de "interdisciplinaridade": BESSA, Leticia, Saiba o que é interdisciplinaridade e como aplicá-la na sua escola. Imagine Educação, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2x3d6jc9>. Acesso em: 16 jun. 2023.

8 Para saber mais sobre o projeto A Cor da Cultura: Projeto "A cor da Cultura" – Novas formas de construção do conhecimento. Disponível em: <https://tinyurl.com/3znknj27>. Acesso em: 16 jun. 2023.

muitas dessas obras. A dificuldade enfrentada por educadores na busca por livros que contribuam efetivamente para o ensino e aprendizado da diversidade cultural no ambiente escolar, somada à ausência de direcionamento sobre quais aspectos explorar com essas obras literárias, motivou-me a criar um blog e um guia literário. Essas ferramentas visam compartilhar informações sobre títulos, resenhas, sugestões de atividades, entre outros recursos, com outros profissionais da educação, enriquecendo assim as práticas pedagógicas voltadas para esse tema tão relevante e atual.

Trata-se de obras que utilizei e utilizo em minhas práticas docentes e que contribuem para uma leitura do tema das diversas culturas de modo lúdico e com muito aprendizado tanto para os estudantes quanto para mim, como arte-educadora. A ideia é que o guia literário seja instrumento para a formação continuada de professores, no que diz respeito ao tema da diversidade étnico cultural, aplicada às aulas de arte em suas diferentes linguagens. Já o blog dará suporte tanto para o tema das diferentes culturas, contando com uma sessão específica para esse fim, como também para outros temas transversais e interdisciplinares inerentes ao cotidiano escolar do arte-educador.

Por fim, a escolha por essas duas ferramentas levou em consideração a acessibilidade, o dinamismo, a interatividade, a autonomia e a praticidade presentes tanto no material impresso, que poderia ser explorado por meio de palestras, oficinas e formações, quanto na mídia digital, que pode ser acessada a qualquer momento e em qualquer espaço que disponha de internet.

2.1 Fazeres pedagógicos: algumas possibilidades de uso dos livros literários nas aulas de artes visuais

Adentrando as vivências escolares no âmbito da diversidade cultural, começo pelo ano de 2019, período no qual atuei como professora na Escola Municipal Professora Iracy Andrade Junqueira, localizada na zona oeste da cidade de Uberlândia. Nesse ano letivo, procurei adentrar na cultura dos povos árabes nas aulas de arte com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental I. Explorar a diversidade na abordagem dos povos árabes nas aulas de arte surgiu da reflexão sobre a riqueza cultural e sobre a influência destes povos em meio ao território brasileiro, visto que este tem sido um dos destinos mais procurados por imigrantes árabes desde o século XIX, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma proposta desenvolvida com os estudantes do 3º ano me chamou muito atenção, visto o envolvimento dos mesmos durante as duas semanas seguidas que sucederam as aulas. O primeiro passo foi a contação de história do livro *As babuchas de Abu Kassem* (editora elementar). A escolha desse título se deu por conta da narrativa ser bastante leve e divertida e explicava tanto pelas ilustrações quanto pelo texto, o modo de vida, costumes e tradições do povo do oriente médio.

Em seguida, convidei os alunos a ouvirem duas músicas desse repertório cultural e também fizemos a leitura de algumas imagens de um livro dedicado ao estudo da arte desse contexto. Por fim, os estudantes foram orientados a desenvolver, seguindo seu repertório lúdico, ou mesmo a própria narrativa e explicações, um modelo exclusivo de babuchas⁹. Por meio do livro literário, pude explorar com eles as características presentes na arte e na cultura, de modo geral, dos povos árabes: na arte, as pinturas elaboradas, arabescos cheios de detalhes, padronagens (a preocupação em preencher espaços vazios) e alguns

⁹ Chinela de couro, de cor, sem salto nem tacão. BABUCHA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/babucha/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

tipos de formas abstratas. E na cultura, entre os vários aspectos narrados (nomes de pessoas, tipos de governantes, hábitos de frequentar balneários, hábito de economizar, etc.), e também o costume de usar babuchas ao invés de sapatos, sendo este um acessório sugestivo inclusive da classe social à que pertence o indivíduo.

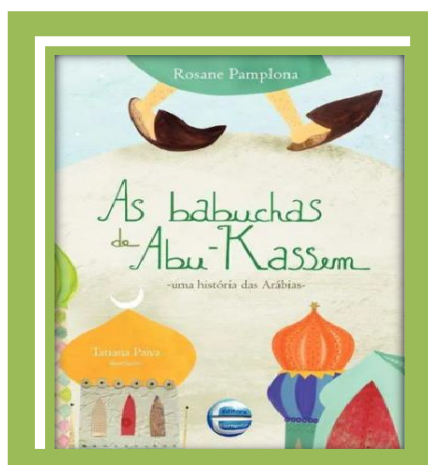
A técnica utilizada para essa atividade foi o desenho com lápis de cor e (ou) giz de cera e caneta hidrográfica, visto a possibilidade de autonomia ao próprio aluno para execução e considerando a dinâmica do tempo e da quantidade de estudantes por sala. Apesar de a proposta ter dado abertura para os estudantes apresentarem ou não aspectos da arte árabe em suas produções, me chamou bastante atenção a falta de familiaridade com o tema por parte das crianças.

A maioria dos alunos, apesar das metodologias utilizadas nas aulas, entre as quais se destacaram o livro literário e o livro com obras de arte, eles não conseguiram ou não quiseram representar, em seus trabalhos artísticos, aspectos que remetessem à arte e cultura árabe. Grande parte dos estudantes utilizou elementos do seu próprio repertório lúdico imaginário (corações, estrelas, formas geométricas e livres) para compor as babuchas.

Acredito que a falta de repertório imagético dos estudantes estava associada à visão limitada e bastante estereotipada propagada pelos meios de comunicação de massa¹⁰ sobre a cultura árabe, o que incita o preconceito e as generalizações, principalmente no que diz respeito às ações de violência que ocorrem no território desses povos, e também pela falha de não se trabalhar essa temática de uma forma mais ampla e constante no âmbito escolar com os alunos, o que certamente envolveria uma ação interdisciplinar (literatura, história, arte, etc.).

Finalizada a ação, foi montada uma exposição com os trabalhos realizados em sala e que durou em torno de duas semanas. Por fim, a interação dos alunos com a história desenvolvida foi tamanha, que eles continuaram pedindo para levar outras narrativas do tipo, alguns pediram até mesmo que fosse contada novamente essa história.

Figura 1 - Capa do livro *As babuchas de Abu-Kassem* – Kassem "uma história das Arábias" (Editora Elementar)



Fonte: Arquivo da professora

¹⁰ São meios de comunicação que visam fornecer informações ao maior número possível de pessoas simultaneamente. Podemos dizer que a primeira mídia de massa foi a imprensa escrita (jornal), depois o rádio, em seguida a televisão e, finalmente, a internet. CONTENT, Rock, Mass media: o que são e quais as características dos meios de comunicação em massa, Rockcontent blog, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdd48fuc>. Acesso em: 21 maio 2023.

Em 2021, lotada na Escola Municipal José Marra da Fonseca (E.M.J.M.F), localizada no distrito Cruzeiro dos Peixoto, trabalhando com crianças principalmente do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), busquei adentrar a diversidade cultural pelo viés dos povos africanos e trabalhar questões associadas às diferentes cores de pele com os alunos de 3º e 4º ano, em minhas práticas docentes. Essa abordagem teve como objetivo contribuir para a valorização da cultura afro e também gerar reflexões com os alunos acerca do racismo e das desigualdades presentes em nossa sociedade, conforme configura a lei 10.639/03, principalmente.

Segundo as autoras Souza e Guasti (2018), a força e a persuasão que as culturas africanas trouxeram para o território brasileiro são, de fato, indiscutíveis, no entanto o reconhecimento e a valorização dessas contribuições em nosso país, é algo bastante recente. Essas influências se deram de diferentes formas, como por exemplo na culinária (com pratos típicos como a feijoada, o acarajé e o mungunzá); na música (com ritmos como o samba, maracatu e carimbó, e instrumentos musicais como o berimbau, o afoxé e o agogô); na língua (com palavras como banana, fuzuê e miçanga), dentre outros aspectos.

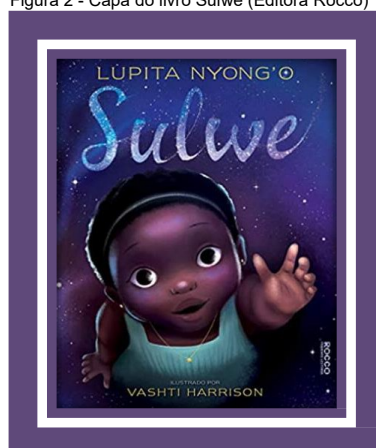
Tendo a cultura africana como referência, utilizei o livro “Sulwe” para adentrar a questão das diferentes cores de pele que configuram a diversidade étnica brasileira. O livro aborda esse assunto de uma maneira bastante sutil, relacionando as cores de pele “preto” e “branco” com as noções de “dia” e “noite”, e nisso, aborda-se o tema da diversidade de uma forma bastante sensível e cativante.

A narrativa gira em torno de duas irmãs, Dia e Noite, ambas representadas com características negroides. A primeira é caracterizada com o brilho e as cores do sol, de maneira que é venerada pelos humanos devido a tudo que proporciona aos mesmos (alimento, luz, vida, etc.), enquanto a segunda é apresentada com o brilho e é amplamente hostilizada por anunciar alguns aspectos malvistas pelos humanos (solidão, medo, vazio, etc.). A moral da história se dá pela aceitação e percepção de que as diferenças contribuem para fazer do mundo um lugar mais belo de se viver. E também pela sabedoria de que a beleza interna deve ser profundamente valorizada pelas pessoas.

Desse modo, após a contação da história, fizemos uma leitura de diferentes imagens de arte em que o tema da diversidade cultural se estabeleceu. Foram apresentadas, por meio de pranchas imagéticas: pinturas, fotografias e desenhos que denotavam pessoas com diferentes características étnico-raciais. Em seguida, fizemos um ditado de imagens com os elementos principais referentes à história, que no caso eram as personagens. Para isso, utilizou-se a técnica de desenho e lápis de cor e (ou) caneta hidrográfica.

O resultado foi muito agradável e as crianças amaram ver a produção uma das outras, fora isso, a analogia com a história possibilitou trabalhar o desarraigamento do termo “lápis cor de pele”, tão comum entre elas, de uma forma mais significativa e contextualizada.

Figura 2 - Capa do livro Sulwe (Editora Rocco)



Fonte: Arquivo da professora

Analiso que a decisão de trabalhar a diversidade cultural no aspecto das diferentes cores e tons de pele deve sempre evitar a polemização, principalmente a se tratar do âmbito escolar. Sendo assim, procurei abordar o tema de modo parcimonioso, gerando diálogos e reflexões relevantes às crianças e pude assim constatar, durante os diálogos e práticas artísticas estabelecidas, algo bastante impactante; a denominação “lápiz cor de pele” por parte das crianças quando queriam se referir a tez de cor branca. Este, apesar de ter sido um tópico bastante discutido nas aulas que sucederam a experiência com o livro, continuou a incomodar, vista a insistência dos alunos em descrever a cor salmão como sendo “cor de pele”.

De todo modo, devemos, como arte-educadores, ter em mente que comportamentos como esses são reflexos de estereótipos conservados socialmente. Nesse caso, específico, o termo “lápiz cor de pele” se trata de um conceito equivocado e bastante propagado inclusive por familiares (pais, tios, avós), o que justifica tal arraigamento na mente de muitas crianças e jovens. Sendo assim, nossa ação como professores do componente arte, somado ao trabalho de outros docentes (história, português, literatura, etc.), envolve principalmente os diálogos, práticas e projetos estabelecidos em meio a esse contexto, o que pode certamente fomentar uma ruptura desses estereótipos concebidos a longo prazo na sociedade em que vivemos.

Nessa e em todas as ações em que utilizo o livro literário nas aulas de arte, impressiona a conexão das crianças (o envolvimento das mesmas) durante a contação da história e produção das atividades. É claro que algumas obras, por conta da leitura mais simplificada e das ilustrações mais atraentes, chamam maior atenção. E o professor não necessita ser um exímio contador de histórias para instigar a curiosidade do estudante pela narrativa, ou seja:

O simples contato do aluno com uma história, seja por meio da leitura ou da audição, já constitui uma forma de interação com seus aspectos formativos e informativos, desde que ela tenha significado para o aluno. Se a atividade com a literatura infantil se limitar apenas a ler ou ouvir, também assim a interação de cada criança com a história ocorre, uma vez que o contato com ela foi estabelecido em algum grau. (Penteado, 2001, p.81).

Em 2022, trabalhando na mesma escola, tive a oportunidade de intensificar minhas práticas na temática da diversidade cultural com esse mesmo ciclo de Ensino Fundamental I. Seguindo a lógica do plano anual de ensino em arte das turmas do 2º e 3º ano, é que desenvolvi, durante o 2º semestre de 2022, um projeto com propostas pedagógicas que buscou o diálogo com o tema da diversidade dos povos africanos, indígenas e orientais chineses. Isso ocorreu com base em três obras literárias,

s sucessivamente: “Abaré”, para dialogar com a arte e a cultura dos povos indígenas brasileiros, “Omo – O rio da liberdade”, para contextualizar com a arte e a cultura dos povos africanos e “O pote vazio”, para dialogar com a arte e cultura dos povos orientais chineses.

Adentrando as vivências de 2022, durante os meses de agosto e setembro, desenvolveu-se a temática dos povos indígenas nas aulas de arte, concomitante ao mês do folclore, estabelecido no calendário escolar, sendo o objetivo principal adentrar os aspectos relacionados à cultura popular, crenças, costumes, lendas e manifestações artísticas em geral, provenientes da influência dos povos indígenas brasileiros.

Desse modo, trabalhar a diversidade pelo viés dos povos originários, primeiros povoadores do Brasil, requer primeiramente o entendimento de que sua história é marcada pela dizimação física e também pelo etnocídio¹¹, ocorrido desde a época da colonização por parte dos europeus. E que a influência desses povos na cultura brasileira é de suma importância, visto sua presença na culinária (com pratos como pamonha, pirão e canjica), no artesanato (com cerâmicas, cestaria e objetos decorativos), na língua (com palavras como capivara, tamanduá e pipoca), dentre outros aspectos.

Deste modo, escolhi a obra “Abaré” (Editora Paulus), para discorrer sobre essa temática dos povos originários brasileiros com estudantes do 3º ano da escola. O referido título narra, por meio somente de ilustrações, o cotidiano de uma criança na faixa etária dos cinco ou seis anos de idade na floresta, sendo que a história, concentra-se principalmente na relação do personagem principal com os bichos que habitam esse contexto.

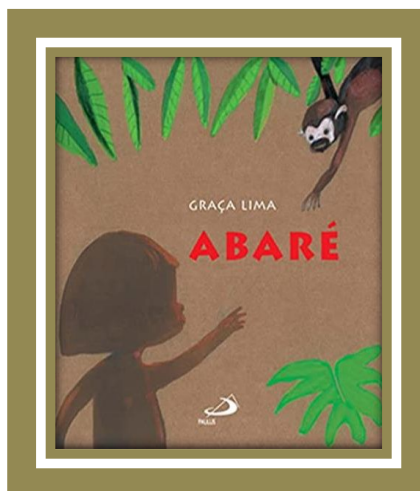
Por meio da minha experiência com arte-educadora, utilizando essa obra literária, percebo que alguns elementos, como a cartela de cores expressa nos ambientes apresentados, o jogo criado com relação à perspectiva no decorrer de cada página e também as figuras simples e ao mesmo tempo expressivas do personagem principal e dos animais, que são recursos gráficos que somados, possibilitam transportar o leitor ou ouvinte ao contexto dos povos indígenas brasileiros.

Avalio ainda que a categoria livro-imagem¹², a qual pertence a obra, permite ao professor uma vivência diferenciada com seus estudantes nas aulas, pois possibilita que o mesmo invente uma narrativa para explicar a sequência imagética do livro e assim, adentrar de maneira mais descontraída e criativa na realidade dos mesmos.

11 Trata-se da destruição de uma etnia no plano cultural. ETNOCÍDIO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/etnocidio/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

12 Livro com imagens em sequência e que conta uma história, geralmente selecionando uma situação, um enredo e poucos personagens. BELMIRO, Celia, Livro de imagens, Glossário Ceale, 2012. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/celia-abicalil-belmiro>. Acesso em: 31 Mar 2023.

Figura 3 - Capa do livro Abaré (Editora Paulus)



Fonte: Arquivo da professora

Os diálogos estabelecidos com as crianças tiveram como principais intenções, destacarem a importância da cultura indígena, a relação arte e meio ambiente e também a conexão com a própria realidade dos mesmos, o que envolve a descendência de povos originários e o contato intenso com a natureza, por se tratar de uma comunidade escolar relacionada com a zona rural. Por meio dessa literatura, busquei demonstrar para as crianças a individualidade da língua indígena, ao abordar o significado do título, que é o nome do personagem principal da narrativa, e se traduzido para o nosso português significa “amigo”. Dentro dessa abordagem, fomos analisando palavras de origem indígenas comuns em nosso cotidiano, como por exemplo: pipoca, sabiá, curumim, jabuti, dentre outras. E isso resultou na execução de um ditado de palavras de origem indígena, e desenhos representando-as, em um primeiro instante.

Em um momento específico, direcionado à narrativa da história, quando foi apresentado o cotidiano do pequeno indígena Abaré na mata, desde o amanhecer até o anoitecer, os estudantes do 2º ano observaram as diferentes formas de representação do céu ao longo do dia, conforme retratado na obra. Isso possibilitou uma rica discussão sobre a diversidade de cores presentes no céu, já que muitos estudantes tendem a representá-lo sempre na cor azul. No entanto, conforme ilustrado no livro, dependendo do momento do dia, o céu pode assumir várias cores, como rosa, roxo, amarelo, laranja e até verde. Essa observação enriqueceu a percepção dos alunos e ampliou sua compreensão sobre as possibilidades estéticas na representação de elementos naturais em suas próprias produções artísticas.

Outro aspecto que chamou bastante atenção foram os diálogos estabelecidos com relação à última cena do livro, que mostra o momento em que o pequeno indiozinho Abaré se reúne com outros indígenas, aparentemente seus parentes, em volta de uma fogueira. Nesse momento da narrativa, o céu é representado por inteiro utilizando o preto, e alguns pontilhismos com o branco sugerem a representação de estrelas no céu.

Ao indagar aos estudantes se na família deles era comum o hábito de se reunirem em volta da fogueira para algum tipo de diálogo ou outra atividade semelhante, muitos responderam positivamente, sugerindo que o faziam para dançar, comer e principalmente contar histórias. A partir daí, por conta da explanação sobre a cultura ancestral dos indígenas de contar histórias

em volta também das fogueiras, muitos foram pontuando suas relações com esses grupos, afirmando o pertencimento de avós, bisavós, entre outros parentes com a etnia dos povos indígenas brasileiros. Sendo assim, criou-se um momento aberto à fala, para que os alunos que assim desejassem, pudessem se expressar sobre sua relação de pertencimento ou não com relação aos povos originários.

Como atividade criativa relacionada ao tema e ao livro em questão, destaco duas práticas específicas. A primeira envolve a diversidade de pássaros retratada em um trecho da história, que despertou o interesse das crianças em identificar as diferentes espécies, como tucanos, papagaios, araras, gaviões, entre outros. Após a leitura, propus um exercício de criação em que os alunos deveriam utilizar técnicas variadas de desenho, lápis de cor, dobradura, recorte e colagem para criar suas próprias representações de aves, sejam inspiradas nas ilustrações do livro ou fruto de sua imaginação.

Figura 4 - Representação dos pássaros - Cenas do livro Abaré



Fonte: Arquivo da professora

Figura 5 - Representação de um papagaio por meio de desenho, lápis de cor e dobradura – Aluno Jean Domingos Santos – 2º ano (2022 E.M.J.M.F)

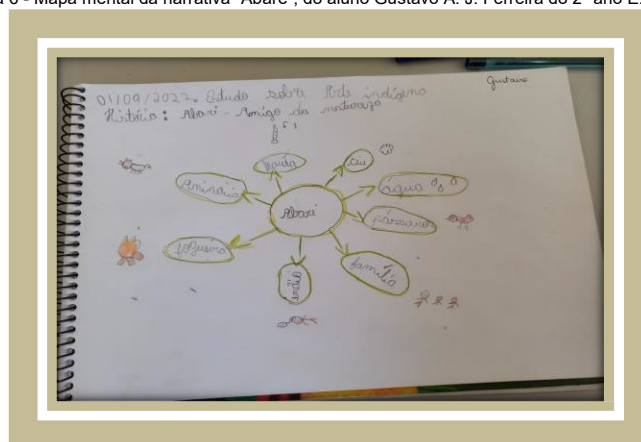


Fonte: Arquivo da professora (2022)

Já na segunda atividade, fizemos um mapa mental coletivo relacionado à história. A ideia era destacar, para os alunos, aquilo que mais chamou atenção no decorrer da narrativa. Foi um momento em que dialogamos sobre diversos elementos da história: A representação da água e do céu por diversas cores, a diversidade de pássaros presentes em nossas florestas e em vegetações do nosso país, os instrumentos musicais típicos da cultura indígena, as diferenças dos cotidianos das famílias indígenas com as famílias que vivem em cidades, a utilidade da fogueira nas tribos indígenas, dentre outras coisas. Cada um destacou um elemento, e assim foi registrado no quadro, o que logo em seguida foi anotado por todos, cada qual em seu caderno

e do seu modo criativo.

Figura 6 - Mapa mental da narrativa “Abaré”, do aluno Gustavo A. J. Ferreira do 2º ano E.M.J.M.F



Fonte: Arquivo da professora (2022)

O segundo título, denominado “Omo, o rio da liberdade” (Editora Pae), apresenta uma história sobre o estilo de vida e, mais especificamente, sobre o hábito de pintura corporal das tribos africanas que vivem às margens do rio Omo. O livro está centrado na história de dois amigos, Ayana e Sadiki, duas crianças da tribo que no decorrer da narrativa trazem detalhes sobre essa tradição de enfeitar o corpo com desenhos de animais, flores, pontilhismos, dentre outros elementos, contextualizando com as questões históricas e geográficas que envolvem esses povos.

Por meio desse título, trabalhei com os alunos do 3º ano alguns aspectos da arte africana, tais como linhas, formas e materialidade – a partir de tintas com pigmentos naturais e tintas com terra. Dialogamos também sobre linguagens, hábitos e costumes desses povos. Em seguida, os estudantes desenvolveram uma prática, que além de abarcar essas intenções, buscou dialogar de modo interdisciplinar com outras disciplinas, visto que a questão da diversidade cultural – povos africanos, estava sendo trabalhada também pela professora regente desses alunos, por coincidência, por meio de obra literária infantil e explorando também o recurso da terra como matéria prima para criação e expressão.

Pedi aos alunos que recolhessem em suas casas uma pequena quantidade de terra, se possível, de diferentes cores e que separassem as mesmas. Na outra semana, essas terras foram levadas para a sala de aula e utilizadas como tintas, numa mistura que basicamente consistia em terra, cola e água para produção de desenhos inspirados nas imagens apresentadas no livro. Foi uma aula bastante dinâmica e desafiadora, vista a dificuldade para se executar a técnica de pintura em uma carga horária tão pequena (50 minutos), e também a utilização dos dedos das mãos como pincéis, o que denota o jeito de pintar dos povos tribais africanos apresentados.

O resultado foi muito satisfatório, os estudantes se despediram perceptivelmente felizes e até surpresos com as pinturas realizadas por eles, as quais dispensaram por completo o uso de pincéis e tintas convencionais.

Figura 7 - Capa do livro Omo - O rio da liberdade (Editora PAE)



Fonte: Arquivo da professora

Ao se tratar das questões envolvendo as diferenças, essa obra possibilitou um olhar diferenciado, visto que durante a narrativa são abordados dois estilos de arte: A arte de Joan Miró, e as artes corporais dos povos que vivem à margem do rio Omo, que apesar de estarem inseridos em contextos completamente diferentes, compartilham de formas representativas muito parecidas. Isso contribuiu para discutirmos, em sala de aula, como a arte pode aproximar as pessoas, já que o ser humano, independentemente de sua origem, sempre demonstrou uma necessidade nata de se expressar por meio da arte (música, desenhos, danças, escritas, etc.), e que muitos artistas desenvolveram novas formas de produzir suas artes a partir do contato que tiveram com outras culturas, como aconteceu com Van Gogh, ao se aproximar da arte japonesa, e Gauguin, quando conheceu o Taiti.

Discutimos ainda sobre as semelhanças e diferenças entre as artes de Joan Miró e as apresentadas nos povos do rio Omo, de modo que houve a percepção de que a liberdade criativa e a forma de composição, envolvendo os elementos visuais (pontos, linhas, cores e formas), dos dois estilos, são muito parecidas, enquanto as matérias primas e as técnicas empregadas, são bastante diferentes.

Figura 8 - Práticas criativas com tinta de terra (3º ano/ E.M.J.M.F)



Fonte: Arquivo da professora (2022)

Adentrando os meses de novembro e dezembro de 2022, o enfoque foi dado ao estudo sobre arte e cultura dos povos orientais chineses, considerando o espaço e a influência que têm alcançado em território brasileiro, principalmente com o fluxo migratório (China para o Brasil), que ocorreu a partir dos anos de 1950 por conta de guerras e falta de provisões nesse país. Desse modo, essa vivência com o povo chinês tem nos agraciado com toda uma riqueza cultural que permeia, dentre os muitos aspectos, os campos das artes visuais, do comportamento, da arquitetura, da medicina, da música e da dança.

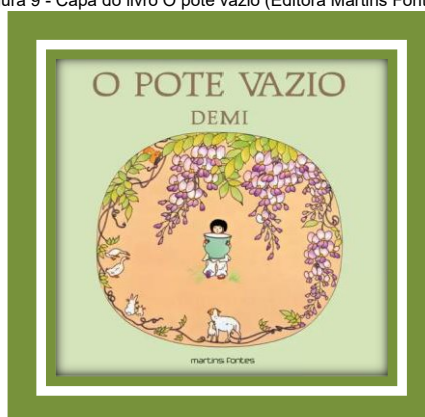
Dessarte, o último título trabalhado no projeto, “O pote vazio” (editora Martins fontes), se trata de um conto chinês que tem como tema central a honestidade. A história é sobre um menino, de nome Ping, e sua aventura ao tentar fazer uma semente, ganhada pelo grande imperador, se tornar a mais bela flor de todo o reino. Sendo assim, o elemento central da história, que inspirou o processo criativo durante as aulas de arte que sucederam, foram as próprias flores.

Por meio dessa narrativa, adentrei com os alunos do 3º ano aspectos específicos da cultura e da arte chinesa. Durante a contação da história, algo que busquei desenvolver de modo mais elaborado, foi a entonação de voz para simular, de fato, os personagens orientais presentes no texto. A técnica funcionou, visto que os alunos se mantiveram atentos e cativados pela narrativa do início ao fim. As belas ilustrações, dotadas de equilíbrio e relacionadas com a natureza, denotam o próprio estilo das pinturas chinesas.

Após a contação, foram desenvolvidos diálogos com os estudantes sobre a importância de se cultivar a honestidade em qualquer ambiente, em casa ou na escola ; o simbolismo das flores para os povos orientais chineses, visto que nesta cultura, por exemplo, há uma flor para representar cada estação do ano, a peônia-primavera/ lótus-verão/ crisântemo-outono/ ameixeira-inverno; e também sobre características específicas das pinturas chinesas: contornos nítidos, cores intensas, predominância de paisagens, de flores e alguns animais, etc.

Como prática criativa, mantive a atenção no elemento central da história – as flores, propus aos estudantes, também do 3º ano, a criação de uma flor que se abrisse sozinha na água. Essa flor poderia ou não ter uma mensagem escrita em seu miolo. As crianças fizeram a flor em sala de aula utilizando técnicas de cor (canetinha, lápis de cor, giz de cera), dobradura, recorte e colagem e depois levaram seus trabalhos para casa, onde testaram em superfície de água sem movimento. Novamente, percebi nos alunos um envolvimento significativo, considerando a contação de história, que chamou a atenção, e também a ansiedade em ver o mecanismo de abrir da flor funcionar conforme as orientações, o que foi muito satisfatório.

Figura 9 - Capa do livro O pote vazio (Editora Martins Fontes)



Fonte: Arquivo da professora

A seguir, consta no quadro 1 a relação dos livros de literatura infantojuvenil com as culturas exploradas durante os últimos quatro anos letivos em minhas práticas docentes no Ensino Fundamental I, conforme relatos desta sessão. E também aspectos específicos desses mesmos títulos, que podem auxiliar na prática docente de outros professores de arte, sendo que essas informações estão contempladas, somados a outros detalhes, também nos materiais didáticos relacionados à pesquisa, que se trata do “*Guia literário de diversidade cultural: Auxílio na prática docente em artes visuais com crianças*”, e também do blog <https://literartecomasam.blogspot.com/>.

Quadro 1 — Ficha catalográfica das obras pertencentes ao projeto

<u>TÍTULO</u>	<u>TÓPICOS ABORDADOS</u>	<u>ATIVIDADE SUGESTIVA</u>
As babuchas de Abu – Kassem (uma história das Arábias)	Trata-se de uma história humorada que demonstra, por meio das ilustrações e narrativa, hábitos e costumes dos <u>povos árabes</u> .	Desenvolver por meio de técnica mista (desenho, pintura, recorte e/ou colagem) um modelo criativo de babuchas. Culminância: Mostra visual no âmbito escolar.
Sulwe	História que remete à discriminação pela cor de pele, e também a importância da autoaceitação, utilizando como referência aspectos dos <u>povos africanos</u> nas ilustrações e no próprio texto.	Confecção de autorretratos utilizando técnica de desenho, lápis de cor e giz de cera, ou mesmo o recorte e colagem
Abaré	Narrativa imagética que remete aos hábitos, modos de vida e relação com o meio ambiente <u>pelos povos indígenas brasileiros</u> .	Ditado de sons – Trabalhando os sons da natureza e os instrumentos musicais da cultura indígena brasileira.

Omo – O rio da liberdade	Narrativa que remete aos hábitos e modos de vida de um dos <u>povos nômades que vivem na África</u> . Por meio da história, é possível adentrar o universo da arte tribal e dos grafismos africanos.	Confeção de um painel coletivo com grafismos e desenhos livres feitos com tintas à base de terras (composição: terras de diferentes tipos/cores, água e cola).
O Pote Vazio	História que demonstra por meio das ilustrações e narrativa, hábitos e costumes do <u>povo chinês</u> .	Trabalhar com o tema "Arte e natureza - Flores". Utilizar a técnica japonesa Oshibana, que em sentido literal significa "flor prensada", consiste em uma forma de desidratar flores, folhas, galhos, frutas e verduras mantendo a textura e cor original com o objetivo de transformá-las em trabalhos artísticos.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

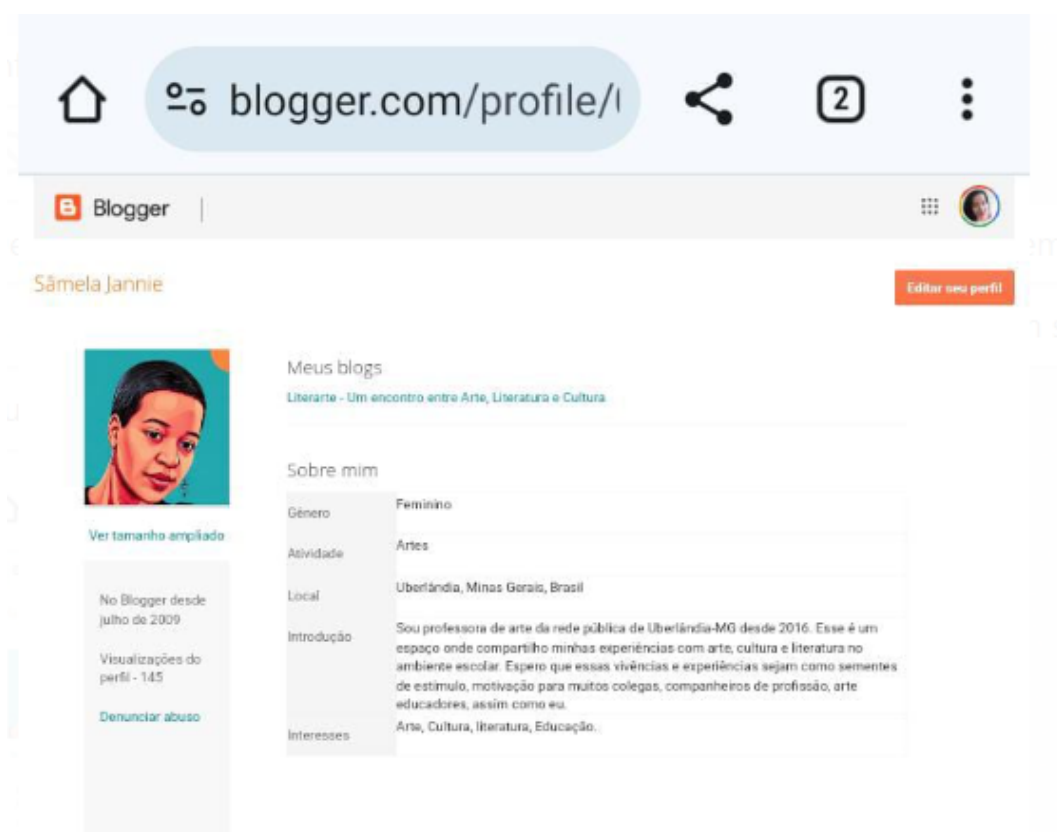
3 PRODUTOS DO MESTRADO PROFISSIONAL

Como produto final, voltado para a área de arte-educação e com o objetivo de auxiliar a prática docente, criamos um blog com títulos literários relevantes para os temas de arte, cultura e diversidade, apresentando resenhas e, quando possível, imagens que os representem. A intenção é que esse espaço funcione como um canal de informação para professores em busca de referências literárias que possam enriquecer suas aulas de arte, especialmente no Ensino Fundamental I.

A construção do blog, iniciada em 2023, foi um processo cuidadosamente planejado, baseado na experiência e no conhecimento adquiridos durante a elaboração de um guia impresso de títulos em diversidade cultural, ou seja, um guia que foi desenvolvido como parte do meu trabalho final na matéria de “Poéticas e processos de criação em arte”, concluída no segundo semestre de 2022. O objetivo central do blog consiste em oferecer um recurso prático e inspirador para educadores que desejam incorporar a diversidade cultural em suas aulas de artes visuais.

O primeiro passo na criação do blog foi a seleção criteriosa de obras relevantes. Cada título incluído no guia foi escolhido por sua representatividade e capacidade de ilustrar diversos aspectos culturais e artísticos. Para cada obra, elaboramos uma descrição sucinta, destacando os principais temas e elementos artísticos, numa abordagem pensada para oferecer aos professores uma visão geral rápida, mas abrangente, de cada livro. A seguir encontram-se algumas imagens do blog.

Figura 10 – Blog da autora



Fonte: Arquivo da professora

Figura 11 – Obra literária Outros povos... outros mundos

nasam.blogspot.com

Literarte - Um encontro entre Arte, Literatura e Cultura

Outros povos...outros mundos 03

janeiro 13, 2023



Um velho conto recontado e ilustrado por Tomie de Paula

Strega Nona
a avó feiticeira

TÍTULO: Strega Nona a avó feiticeira EDITORA: Global ARD / 2007 AUTOR(ES): Tomie de Paula ILUSTRADOR(ES): Tomie de Paula DESCRIÇÃO: O assustadoro do Strega Nona que morava no povoado que contava os segredos mágicos contidos no passado de uma menina de sua mentes "a sua feiticeira". De acordo com o livro a pequena menina faz parte com um rio de "paço". Como devesse esta mágica? TÓPICOS ABORDADOS Trata-se de uma história divertida que demonstra pela narrativa e também pelas ilustrações as tradições, mitos de vida, de povos de regiões paganas...

Postar um comentário [LEIA MAIS](#)

Outros povos...outros mundos 02

janeiro 13, 2023



TÍTULO: O Pote Uirao EDITORA: Martins Fontes ANO: 2015 AUTOR(ES): Denis ILUSTRADOR(ES): Denis DESCRIÇÃO: Um dia, um imperador distribuiu sementes de flores. Ao colheita do seu reino para que as colheitas e lhe trouxessem o resultado de seu trabalho. Ao final de um ano, o menino Ping só conseguiu apresentar um pote vazio. Foi o que parecia um fracasso, mas se um grande triunfo. Com ilustrações primorosas e um texto de acessibilidade conversativa...

Postar um comentário [LEIA MAIS](#)

Outros povos...outros mundos 01

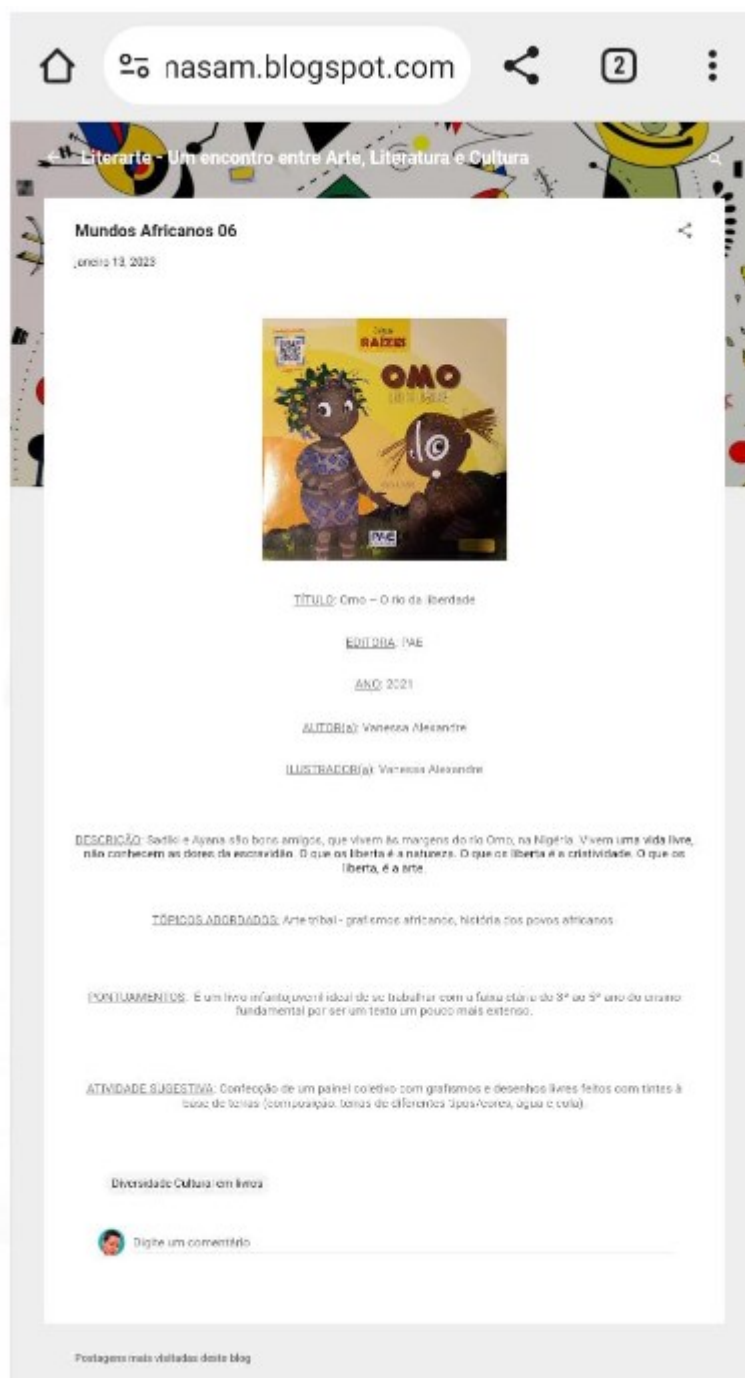
janeiro 13, 2023



TÍTULO: As bobagens de Abu - Euzenir (sua história dos Andes) EDITORA: Elementar ANO: 2011 AUTOR(ES): Robson Patrício ILUSTRADOR(ES): Tatiana Paves DESCRIÇÃO: Quem não conhece alguém que tem duna? É uma obra de literatura infantil? Ou melhor, sem bobagens...

Fonte: Arquivo da professora

Figura 12 – Obra literária Mundos Africanos



The image shows a screenshot of a blog post on the website nasam.blogspot.com. The page is titled "Mundos Africanos 06" and is dated January 13, 2023. The main focus is a book cover for "OMO - O rio da liberdade" by Vanessa Alexandre, illustrated by Vanessa Alexandre. The cover features two stylized figures, one with a large head and another with a smaller head, set against a yellow background with a red and black pattern. Below the book cover, the post provides the following information:

- TÍTULO:** Omo – O rio da liberdade
- ENTRADA PAE**
- ANO:** 2021
- AUTORIA:** Vanessa Alexandre
- ILUSTRAÇÃO:** Vanessa Alexandre

The post also includes a description of the book, a list of related topics, a comment, and a suggested activity.

DESCRIÇÃO: Sadiu e Ayana são bons amigos, que vivem às margens do rio Omo, na Nigéria. Vivem uma vida livre, não conhecem as dores da escravidão. O que os liberta é a natureza. O que os liberta é a criatividade. O que os liberta, é a arte.

TÓPICOS ABORDADOS: Arte tribal - grafismos africanos, história dos povos africanos.

COMENTÁRIOS: É um livro infantil, porém ideal de se trabalhar com a faixa etária de 8ª ao 9ª ano do ensino fundamental por ser um texto um pouco mais extenso.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Confeção de um painel coletivo com grafismos e desenhos livres feitos com tintas à base de bolinhas (com pontas, bolinhas de diferentes tipos/cores, água e cola).

At the bottom of the post, there is a section titled "Diversidade Cultural em livros" and a comment box with the text "Digite um comentário".

Fonte: Arquivo da professora

Além das descrições, o blog inclui uma lista de tópicos essenciais e atividades sugestivas em artes visuais relacionadas a cada obra, contendo tópicos e atividades que foram desenvolvidos com base em literatura especializada e projetados para serem diretamente aplicáveis em um contexto de sala de aula, cujo objetivo é fornecer aos educadores ideias concretas e práticas que possam ser facilmente adaptadas às suas necessidades e contextos específicos.

Outro elemento chave do blog é a inclusão de fotos das capas dos livros. Essa decisão foi motivada pela crença de que uma imagem visual da obra pode ser um ponto de partida atraente e inspirador para professores e alunos, visto que as capas

dos livros muitas vezes capturam a essência da obra e podem ser usadas como um recurso visual para despertar o interesse dos alunos.

Em termos práticos, o blog foi pensado como um recurso dinâmico e prático para professores de artes visuais, combinando descrições claras, atividades pedagógicas e recursos visuais em que cada elemento foi cuidadosamente elaborado para enriquecer o ensino de artes visuais e promover a inclusão e a valorização da diversidade cultural na educação.

Além disso, produzimos um guia impresso intitulado *Guia literário de diversidade cultural: Auxílio na prática docente em artes visuais com crianças*, que reúne os títulos mencionados no blog, acompanhados de outras informações úteis, como editora, ano de publicação, autor (a), ilustrador (a), resumo ou descrição, tópicos abordados e sugestões de atividades. Tanto as obras listadas no blog quanto no guia compõem o acervo literário que embasou e continua a embasar minha prática como arte-educadora. Com o guia impresso, a intenção é veicular, de modo dinâmico e didático, oficinas com essa temática para professores do ciclo fundamental I. A intenção aqui não é ditar como esses professores devem ministrar suas aulas de arte nessa temática (uma receita pronta), mas sim ampliar horizontes, possibilitar ideias, partir de conceitos chaves, etc.

Apesar da minha área de formação ser as artes visuais e o foco de direcionamento serem os professores dessa mesma área, esse material pode ser explorado por professores de teatro, dança e música também, visto que na própria temática as informações e ideias organizadas no guia configuram conhecimentos das artes integradas¹³.

¹³ Para saber mais sobre o conceito de Artes Integradas: Artes Integradas. Hisour Arte Cultura Exposição. Disponível em: <https://tinyurl.com/262n9r2t>. Acesso em: 16 jun. 2023.

4 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

As experiências abordadas no decorrer deste trabalho buscam exemplificar formas de se trabalhar a diversidade cultural de modo mais efetivo, valorizando as experiências e vivências dos estudantes em sala de aula, utilizando o livro literário como apoio às práticas pedagógicas em arte, o que possibilita ao professor adentrar diversos assuntos e contribuir para o estabelecimento de uma relação interdisciplinar dentro do ambiente escolar. Sendo assim, o livro literário constitui uma ferramenta muito eficiente no que diz respeito a despertar o interesse e curiosidade de crianças e jovens pelos estudos e também possui um custo financeiro relativamente menor, comparado a outros recursos (como os tecnológicos).

A arte, devido ao seu caráter libertário e exploratório, proporciona interfaces que contribuem amplamente para a aprendizagem, a percepção do “eu” e do “outro”, a imaginação, a capacidade crítica, analítica e a criatividade dos estudantes. A conexão entre arte e literatura é um exemplo claro dessa possibilidade exploratória, que diferencia a arte de outras linguagens e se mostra muito favorável às abordagens e práticas em diversidade cultural por parte do arte-educador.

Essa intersecção entre arte e literatura é rica em potencial pedagógico, pois permite que os estudantes se conectem com diferentes culturas, tradições e histórias de uma maneira viva e envolvente, favorecendo uma compreensão mais profunda e empática do mundo que os rodeia. Além disso, ao explorar as diversas formas de expressão artísticas presentes nas narrativas e ilustrações literárias, os estudantes podem desenvolver suas próprias habilidades de expressão, enriquecendo seu repertório cultural e artístico. É importante destacar, que a abordagem da diversidade cultural, na prática docente em Artes Visuais com crianças, pode enfrentar alguns desafios. Dentre eles, a falta de acesso a livros literários que abordam de forma adequada a diversidade cultural, a dificuldade em lidar com questões sensíveis e complexas relacionadas à diversidade cultural em sala de aula, e a necessidade de formação e capacitação dos professores em relação a esse tema.

Apesar dos desafios citados, é possível superá-los por meio do comprometimento em promover uma abordagem inclusiva e respeitosa da diversidade cultural, criar um ambiente acolhedor em sala de aula, e buscar constantemente a formação e capacitação continuada. Portanto, a utilização de livros literários na prática docente em Artes Visuais com crianças pode ser uma estratégia valiosa para promover a diversidade cultural, ampliar o repertório cultural das crianças, estimular a criatividade e a reflexão crítica, e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Para superar os desafios citados, é fundamental que o professor esteja comprometido em promover uma abordagem inclusiva e respeitosa da diversidade cultural, buscando constantemente ampliar seu repertório de livros literários que abordam o tema. É importante também criar um ambiente de sala de aula acolhedor, onde as crianças se sintam à vontade para expressar suas opiniões e dúvidas sobre a diversidade cultural, e promover atividades que estimulem a reflexão crítica e a discussão construtiva sobre o tema. Além disso, é relevante que os professores busquem a formação e a capacitação continuada em relação à diversidade cultural, participando de cursos, *workshops* e palestras, buscando se atualizarem sobre as melhores práticas pedagógicas nesse contexto.

Portanto, este estudo buscou oferecer suporte ao docente de arte, possibilitando que ele trabalhe o tema da diversidade cultural com o apoio de livros literários nas escolas, fomentando, assim, a valorização da cultura nesse ambiente.

Os títulos relacionados no blog, no guia impresso e no arquivo PDF têm como objetivo proporcionar ao arte-educador maior flexibilidade para abordar a diversidade cultural com alunos do Ensino Fundamental I. Dessa forma, contribui-se para práticas pedagógicas mais dinâmicas, um aprendizado em arte mais diverso, lúdico e contextualizado, permitindo aos estudantes uma compreensão mais ampla e rica das diferentes culturas que compõem o tecido social brasileiro.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE - ABRA. 2024. Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/quais-sao-as-7-artes/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

A COR DA CULTURA: Projeto “**A cor da Cultura**” – **Novas formas de construção do conhecimento**. Disponível em: <https://tinyurl.com/3znknj27>. Acesso em: 16 jun. 2023.

ARSLAN, L.M.; IAVELBERG, R. **Ensino de Arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ARTES INTEGRADAS. **Hisour Arte Cultura Exposição**. Disponível em: <https://tinyurl.com/262n9r2t>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BABUCHA. In: DICIO, Dicionário *Online* de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/babucha/>. Acesso em: 11 mar 2023.

BARBOSA, A. M. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

BARBOSA, A. M. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/yhzazpp>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. da (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BELMIRO, Celia. **Livro de imagens**. Glossário Ceale. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n8vd8cz>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BESSA, L. **Saiba o que é interdisciplinaridade e como aplicá-la na sua escola**. Imagine Educação. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2x3d6jc9>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CÉ SOARES, A. F. A. **Arte e a cultura na escola e outras histórias**. 1. ed. Curitiba: APPRIS, 2017. v. 1.

CAVALIERE, A.M. **Anísio Teixeira e a educação integral**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200012>. Acesso em: 19 fev. 2024.

COELHO, N. N. (2000). **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna.

CONTENT, R. **Mass media: o que são e quais as características dos meios de comunicação em massa**. Rockcontent blog, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdd48fuc>. Acesso em: 21 maio 2023.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

DEWEY, J. **Art as Experience**. Nova York: Minton, Balch & Company, 1934.

EISNER, E. W. **The enlightened eye**: Qualitative inquiry and the enhancement of educational practice. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1998.

ETNOCÍDIO. *In*: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/etnocidio/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FERRAZ, M. H. C. de T. FUSARI, M. F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FOWLER, C. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. Londres: Routledge, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 64ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GANDIN, D. **A Prática do Planejamento Participativo**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres: Sage Publications, 1997.

LAJOLO, M. **Literatura**: Leitores & Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, F. **A diversidade cultural como prática na educação**. 1 ed. InterSaberes, 2012.

LOPES, N. **O que é o projeto político-pedagógico (PPP)**. Nova Escola Gestão. 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/np22fdrs>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MAMBERTI, S. Por uma cultura democrática. *In*: BRANT, L. (Org.). **Políticas culturais v.1** São Paulo: Manole, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, D. **Conceito de obra literária**: o que é e qual o significado. Educa Mais Brasil. 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/mpnw2wva>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MICHALISZYN, M. S. **Relações étnico-raciais para o ensino da identidade e da diversidade cultural brasileira**. 1 ed. InterSaberes, 2014.

MINAS GERAIS. Currículo Referência de Minas Gerais. Minas Gerais, 2018.

PAPERT, S. **A Máquina das Crianças**: Repensando a Escola na Era da Informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PARO, V. H. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

PENTEADO, H. (Org.). **Pedagogia da Comunicação**: Teorias e práticas. São Paulo, 2001.

RAMOS, S.P. *et al.* **Manual de metodologia de pesquisa**. Faculdade Luciano Feijão. Sobral, 2022.

REIS, A. **A experiência estética sob um olhar fenomenológico**. 2011, p. 84. Disponível em: <https://tinyurl.com/47cbnzf9>. Acesso em: 16 jun. 2023.

RIBEIRO, H. **Arte e Música Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais**, p. 1. Disponível em: <https://tinyurl.com/p6kpu27b>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SILVA, G. R. da. **Azoilda Loretta da Trindade e o legado do projeto A cor da Cultura**. Rio de Janeiro, V.7, N.2 - pág. 805-820 mai-ago de 2021: "Dossiê História das Mulheres e Educação" – DOI: 10.12957/riae.2021.63430.

SILVA, G. R. da. **Azoilda Loretta da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

TRINDADE, A.L. da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. Proposta Pedagógica, 2005.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma Construção Possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ZILBERMAN, R. A. **Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE

MATERIAL DIDÁTICO

GUIA LITERÁRIO DE DIVERSIDADE CULTURAL: AUXÍLIO NA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS COM CRIANÇAS

Professora: Sâmela J. R. Soares

Uberlândia-MG

2023

MUNDOS AFRICANOS



TÍTULO: Flávia e o Bolo de Chocolate

EDITORA: Rocco

ANO: 2015

AUTOR (a): Miriam Leitão

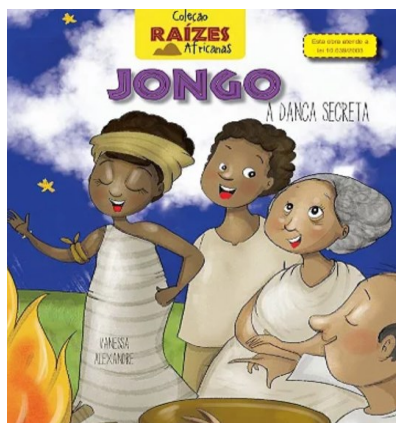
ILUSTRADOR (a): Bruna Assis Brasil

DESCRIÇÃO: Em meio aos questionamentos da pequena Flávia sobre a sua pele marrom – tão diferente da pele branquinha da mãe –, a autora aborda temas delicados como adoção e questões raciais de forma sensível e lúdica para os pequenos e mostra que o mundo é feito de diferentes cores, pessoas e sabores. E que é justamente isso que o torna tão rico.

TÓPICOS ABORDADOS: Identidades brasileiras, aceitação às diferenças, aceitação de si próprio.

PONTUAMENTOS: Apesar da leitura não ser rápida, a narrativa e as próprias ilustrações prendem bastante a atenção. É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Composição de faces (desenhos e colorido) utilizando diferentes cores e tonalidades para representar as peles que constituem a singularidade brasileira.



TÍTULO: Jongo. A Dança Secreta

EDITORIA: PAE Editora

ANO: 2021

AUTOR(a): Vanessa Alexandre

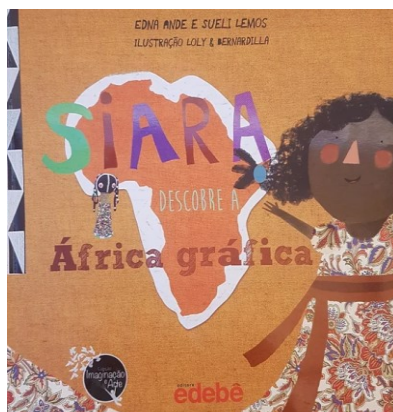
ILUSTRADOR(a): Vanessa Alexandre

DESCRIÇÃO: A escravidão tirou a liberdade de muitos habitantes do Reino do Congo, mas com a alma livre, podemos chegar a qualquer lugar.

TÓPICOS ABORDADOS: Identidades brasileiras, exaltação da cultura dos povos originários, cultura afro.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Pesquisa sobre as diferentes danças de origem africana que foram incorporadas à cultura brasileira por parte dos alunos. Em seguida, realizar um mural com imagens que as representem.



TÍTULO: Siara Descobre a África gráfica

EDITORA: Edebê

ANO: 2016

AUTOR(a): Edna Ande e Sueli Lemos

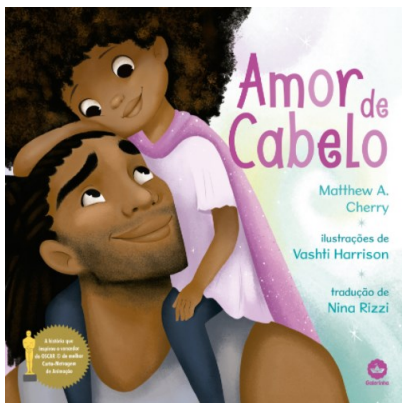
ILUSTRADOR(a): Loly & Bernardilla

DESCRIÇÃO: Já pensou em conhecer mais sobre a cultura africana? Junto com Siara você terá a oportunidade de aprender mais sobre a tribo Ndebele: seus costumes, seus hábitos e sua arte.

TÓPICOS ABORDADOS: Identidades brasileiras, exaltação da cultura dos povos originários, cultura afro.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Criação de desenhos geométricos que remetem à cultura Ndebele. Esses desenhos podem ser confeccionados em papéis diversos e depois, colados nas páginas do caderno ou mesmo no painel da sala ou da escola.



TÍTULO: Amor de Cabelo

EDITORA: Galerinha

ANO: 2019

AUTOR(a): Matthew A. Cherry

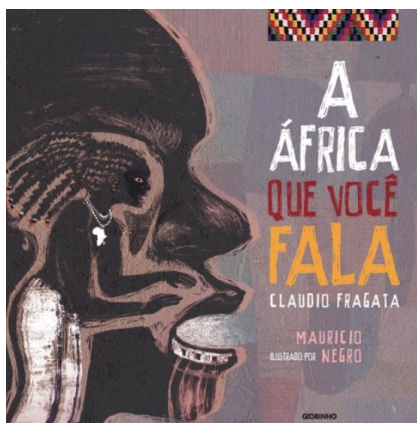
ILUSTRADOR(a): Vashti Harrison

DESCRIÇÃO: Em uma manhã especial, a menina Zuri quer arrumar seus cabelos em um complexo arranjo de tranças e *twists*. Seu pai, amoroso e um pouco sobrecarregado, acredita que será tarefa fácil criar um penteado que agrada a filha. Mas depois de algumas tentativas, percebe que vai precisar de um pouco mais de dedicação e muito, muito amor de cabelo.

TÓPICOS ABORDADOS: exaltação da cultura dos povos originários, cultura afro.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Criação de catálogo de penteados afro por parte dos alunos, o que pode culminar em um concurso para eleger os penteados mais criativos.



TÍTULO: A África que você fala

EDITORA: Globinho

ANO: 2020

AUTOR(a): Claudio Fragata

ILUSTRADOR(a): Mauricio Negro

DESCRIÇÃO: As palavras que vêm da África Cafuné, samba, quiabo, dendê, quitanda... Você pode até não perceber, mas usamos muitas palavras com origem africana no dia a dia. De forma leve e divertida, A África que você fala faz um passeio por palavras que pegamos emprestadas de idiomas como quimbundo, iorubá, jeje e banto. As ilustrações de Mauricio Negro complementam o texto, de forma que as palavras desconhecidas possam ser apresentadas aos jovens leitores.

TÓPICOS ABORDADOS: Herança cultural dos povos afro. Identidades brasileiras.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Ditado de desenhos das figuras e palavras apresentadas no texto do livro.



TÍTULO: Omo – O rio da liberdade

EDITORA: PAE

ANO: 2021

AUTOR(a): Vanessa Alexandre

ILUSTRADOR(a): Vanessa Alexandre

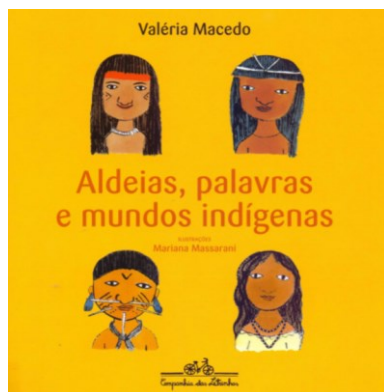
DESCRIÇÃO: Sadiki e Ayana são bons amigos, que vivem às margens do rio Omo, na Nigéria. Vivem uma vida livre, não conhecem as dores da escravidão. O que os liberta é a natureza. O que os liberta é a criatividade. O que os liberta, é a arte.

TÓPICOS ABORDADOS: Arte tribal - grafismos africanos, história dos povos africanos.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental por ser um texto um pouco mais extenso.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Confeção de um painel coletivo com grafismos e desenhos livres feitos com tintas à base de terras (composição: terras de diferentes tipos/cores, água e cola).

MUNDOS INDÍGENAS



TÍTULO: Aldeias, palavras e mundos indígenas

EDITORA: Companhia das Letrinhas

ANO: 2019

AUTOR(a): Valéria Macedo

ILUSTRADOR(a): Mariana Massarani

DESCRIÇÃO: YANO, ËJCRE, ÜNE, OO – essas quatro palavras significam casa em diferentes línguas indígenas. Por meio delas, e de outras palavras e ilustrações, você será convidado a fazer um passeio e conhecer um pouco da vida em algumas aldeias indígenas. Vamos lá?

TÓPICOS ABORDADOS: Povos indígenas brasileiros – hábitos e moradias

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 5º ano.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Desenvolver maquetes que representem os diferentes tipos de moradias das tribos indígenas, podendo essa atividade ser parte de um projeto interdisciplinar na escola.



TÍTULO: TULU – Em busca de um lugar para viver

EDITORA: Ciranda Cultural

ANO: 2020

AUTOR(a): Donaldo Buchweitz

ILUSTRADOR(a): Ina Carolina

DESCRIÇÃO: Tulu vive entre a floresta e o lavrado. Ele é amigo dos animais, das plantas e de toda a natureza que o cerca. Mas tudo começa a mudar quando as queimadas tomam conta da mata. Nesta história, Tulu vai descobrir que não são só os animais e a floresta que estão em perigo...

TÓPICOS ABORDADOS: Povos indígenas brasileiros e a preservação do meio ambiente.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 5º ano, requerendo algumas adaptações na leitura com as turmas dos alunos menores, devido à extensão do texto literário.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Atividade de dobradura, desenho e cor do "PAPAGAIO", personagem destacado na história lida.



TÍTULO: O tupi que você fala

EDITORA: Globo livros

ANO: 2018

AUTOR(a): Claudio Fragata

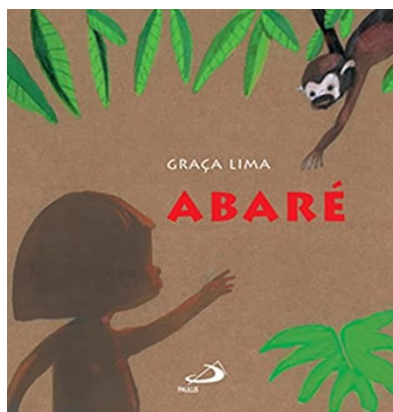
ILUSTRADOR(a): Mauricio Negro

DESCRIÇÃO: Tamanduá, guaraná, pipoca, jacaré, guri. Todos nós já falamos uma dessas palavras. Agora embarque numa história sobre a cultura indígena e descubra o indiozinho que existe dentro de você.

TÓPICOS ABORDADOS: Herança cultural dos povos indígenas. Identidades brasileiras.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Cartazes comunitários compostos por desenhos, gravuras e palavras de origem indígena que fazem parte do nosso cotidiano (fala e escrita). Culminância: Mostra visual no âmbito escolar.



TÍTULO: Abaré

EDITORA: Paulus

ANO: 2009

AUTOR(a): Graça Lima

ILUSTRADOR(a): Graça Lima

DESCRIÇÃO: O sol, um boto, uma árvore, um macaco, um jacaré, todos podem ser um abaré (amigo)! Venha contar essa história com a gente!

TÓPICOS ABORDADOS: Povos indígenas brasileiros – Hábitos/ modos de vida, relação com o meio ambiente.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um livro de imagens.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Ditado de sons – Trabalhando os sons da natureza e os instrumentos musicais da cultura indígena brasileira.



TÍTULO: Pikuin, o pequeno kurumin

EDITORA: Ateliê da escrita

ANO: 2018

AUTOR(a): Marco Antônio Ribeiro Pietrucci

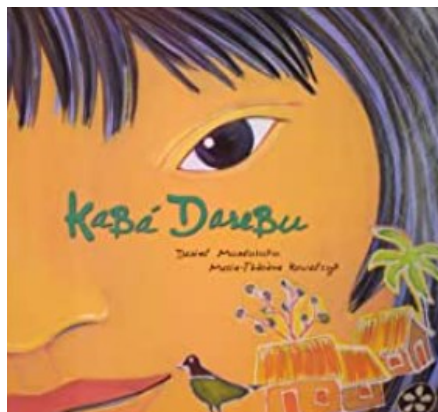
ILUSTRADOR(a): Alessandra Tozi

DESCRIÇÃO: Pikuin é um pequeno kurumin que gosta de brincar e pescar com suas irmãs Ituxi, Nituxi e amigos. À noite, eles se sentam no centro da aldeia em volta do Pajé Kenkuro, para ouvirem as histórias do seu povo indígena, antes da chegada do homem branco.

TÓPICOS ABORDADOS: Povos indígenas brasileiros – Hábitos/ modos de vida, relação com o meio ambiente.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um livro de imagens.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Criação de mandalas relacionadas ao tema da natureza utilizando técnicas de recorte e colagem.



TÍTULO: Kabá Darebu

EDITORA: Brinque-Book

ANO: 2002

AUTOR(a): Daniel Munduruku

ILUSTRADOR(a): Marie-Thérèse

DESCRIÇÃO: “Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza;

Nos ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar;

Nos ensinam a olhar o voo dos pássaros para ouvir notícias do céu;

Nos ensinam a contemplar a noite, a Lua, as estrelas...”

Kabá Darebu é um menino indígena que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os munduruku.

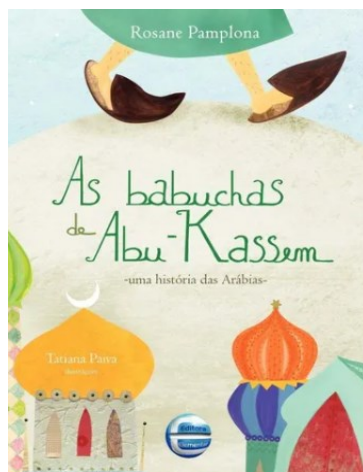
TÓPICOS ABORDADOS: Povos indígenas brasileiros – Hábitos/ modos de vida, relação com o meio ambiente.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

A leitura pode ser realizada por etapas (2 ou 3 aulas), devido à extensão do texto.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Trabalhar os desenhos/grafismos indígenas (prática em papéis ou corpos – braços e pernas) e seus significados.

OUTROS POVOS...OUTROS MUNDOS



TÍTULO: As babuchas de Abu – Kassem (uma história das Arábias)

EDITORA: Elementar

ANO: 2011

AUTOR(a): Rosane Pamplona

ILUSTRADOR(a): Tatiana Paiva

DESCRIÇÃO: Quem não conhece alguém que tem chulé?

E uns chinelinhos chulezentos?

Ou melhor, umas babuchas, como as de Abu-Kassem...

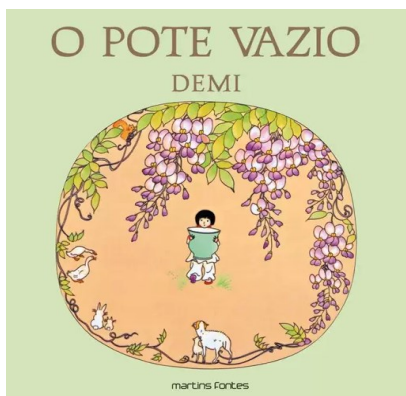
Parece incrível, mas elas mostram que, quando o destino decide, ninguém pode com ele.

Pois saibam, o destino é mais criativo do que nós, e tudo pode acontecer nesta verdadeira história das Arábias.

TÓPICOS ABORDADOS: Trata-se de uma história humorada que demonstra por meio das ilustrações e narrativa, hábitos/costumes dos povos árabes.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A leitura é um pouco extensa.

ATIVIDADE SUGESTIVA: desenvolver por meio de técnica mista (desenho, pintura, recorte e/ou colagem) um modelo criativo de babuchas. Culminância: Mostra visual no âmbito escolar.



TÍTULO: O Pote Vazio

EDITORA: Martins Fontes

ANO: 2015

AUTOR(a): Demi

ILUSTRADOR(a): Demi

DESCRIÇÃO: Um dia, um Imperador distribuíram sementes de flores às crianças do seu reino para que as cultivassem e lhe trouxessem o resultado de seu trabalho. Ao final de um ano, o menino Ping só conseguiu apresentar um pote vazio. Mas o que parecia um fracasso tornou-se um grande triunfo. Com ilustrações primorosas e um texto de simplicidade comovedora, Demi nos conta uma bela fábula sobre a honestidade recompensada.

TÓPICOS ABORDADOS: Trata-se de uma história tocante que demonstra por meio das ilustrações e narrativa, hábitos/costumes do povo chinês.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Trabalhar com o tema "Arte e natureza - Flores". Utilizar a técnica japonesa Oshibana, que em sentido literal significa "flor prensada", e consiste em uma forma de desidratar flores, folhas, galhos, frutas e verduras mantendo a textura e cor original com o objetivo de transformá-las em trabalhos artísticos.



TÍTULO: Strega Nona a avó feiticeira

EDITORA: Global

ANO: 2007

AUTOR(a): Tomie de Paola

ILUSTRADOR(a): Tomie de Paola

DESCRIÇÃO: O assistente da Strega Nona quer mostrar ao povoado que conhece os segredos mágicos contidos do painelão de fazer macarrão de sua mestra “a avó feiticeira”. Ele acaba inundando o pequeno povoado italiano com um rio de “pasta”. Como desfazer esta mágica?”

TÓPICOS ABORDADOS: Trata-se de uma história divertida que demonstra pela narrativa e também pelas ilustrações os costumes/estilo de vida, de pessoas de regiões pequenas e tradicionais da Itália em um tempo passado.

PONTUAMENTOS: É um livro infantojuvenil ideal para se trabalhar com a faixa etária do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE SUGESTIVA: Trabalhar o tema “história em quadrinhos”. Criação de um final alternativo para a referida narrativa.